

# Travessias e Resistências

---

LIVRO DE CRÔNICAS



Valdir Specian

Aqui você encontra a boniteza solidária da esperança. A casa, o Cerrado e a Reforma Agrária são o rastro da seta deste livro. Em um tempo em que as mãos se fecham, Valdir abre-se em texto: palavras que se opõem às misérias do consumo. A casa camponesa, as árvores e os cafundós antagonizam a virtualidade performática das relações. Estas crônicas foram gestadas na simplicidade e na gentileza. A boniteza do simples é a estética da resistência de Valdir Specian

São crônicas que tocam o chão. Cai chuva fina nas leiras das frases. Quando lê-las, ouvirá as gargalhadas brincantes das crianças. Elas correm, saltam páginas como se fossem pocinhas de água. A esperança é a palavra que fecunda a terra: cai em semente e nasce ipê, rompe com as compactações telúricas e ideológicas. Esperança é uma borboleta amarela que pousa

# Travessias e Resistências

---

Valdir Specian

Copyright © 2025 by  
Valdir Specian

**Assertiva Editorial Ltda.**

Rua Nossa Senhora da Saúde, 287 - Cj. 25 Bloco 1  
www.assertivacriativa.com.br

**Fotografia de Capa**

Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros - Alto Paraíso de Goiás - GO.  
Cliques de Valdir Specian

**Ilustrações Internas**

Maria Carolina Reis (ilustrações) e Valdir Specian (fotografias)

**Conselho Editorial**

Ana Carolina de Oliveira Marques - UFPB  
Antônio Firmino de Oliveira Neto - UFMS  
Fernando Uhlmann Soares - IFGoiano  
Luiza Helena Oliveira da Silva - UFNT  
Marcelo José Moreira - UEG  
Marcio Araújo de Melo - UFNT  
Maria Cleide Baldo - UFTPR  
Raphael Fernando Diniz - UFAM  
Rosângela Gaze - UFRJ  
Valdirene Gomes dos Santos de Jesus - UFT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Specian, Valdir  
Travessias e resistências (livro eletrônico) / Valdir Specian. -- Iporá, GO  
: Assertiva Editorial, 2025  
PDF

ISBN 978-85-69310-20-4

1. Crônicas brasileiras I. Título.

25-253800

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

---

**Agradecimentos**

Ao Blog Multiplicadores de Vigilância em Saúde do Trabalhador - espaço original da publicação da coletânea de crônicas presentes nesta obra, ao Grupo de Pesquisa Espaço, Sujeito e Existência - Dona Alzira pelo estímulo à leitura e à escrita e ao amigo Alex Danilo Franco pelos serviços de diagramação e organização.

# SUMÁRIO

---

O OLHAR CÓSMICO	<b>6</b>
QUAL O LIMITE PARA O LIMITE?	<b>9</b>
A CAMUFLAGEM DE VALDIR	<b>12</b>
A CAMUFLAGEM DE HEITOR	<b>15</b>
A CARTA...	<b>19</b>
A ÁRVORE DE TODOS NÓS	<b>23</b>
NÃO É SÓ A FÉ QUE MOVE MONTANHAS	<b>27</b>
A NEGAÇÃO À NATUREZA NA SOCIEDADE DE OPRIMIDOS E OPRESSORES	<b>31</b>
UM SOL VERMELHO NO HORIZONTE	<b>35</b>
CRÔNICA SOB ENCOMENDA	<b>39</b>
CASA DE CAMPONÊS	<b>43</b>
BÁLSAMO DA EXCLUSÃO	<b>47</b>
EÑUNI A EKOBÉ: ENTRE O SOFRIMENTO E A RESISTÊNCIA	<b>51</b>
VIDAS NO TEMPO DO DESPÉRDÍCIO	<b>53</b>
TRAVESSIAS	<b>57</b>
RITMOS DA NATUREZA E A SOCIEDADE	<b>60</b>
A ÚLTIMA GUERRA	<b>63</b>
NÉCTAR ENVENENADO	<b>68</b>
NOVO PROJETO HABITACIONAL CELU(LAR)	<b>71</b>
LIVRE, SÓ O URUBU	<b>75</b>
AS PALAVRAS QUE DESCREVEM REALIDADES PINTADAS...	<b>79</b>
VENTOS...	<b>82</b>
A VIDA NAS TRINCHEIRAS DOS ALGORITMOS	<b>85</b>
GEOGRAFIA DO CAFUNDÓ	<b>88</b>
DESCULPE, NÃO PODEREI PARTICIPAR	<b>91</b>
TORRE DE BABEL	<b>95</b>

---

## APRESENTAÇÃO

# O OLHAR CÓSMICO

---

Agora mesmo, depois do almoço, liguei a TV. Uma longa reportagem constituída de efeitos dramáticos apresentou imagens de paisagens e pessoas do Rio Grande do Sul. O final da reportagem se deu com uma síntese apoteótica do âncora da matéria: “a humanidade terá que saber lidar com as mudanças climáticas”.

Por coincidência, em meio ao evento climático trágico do Rio Grande do Sul e, em meio às táticas das TVs em usar o sofrimento humano como corolário de audiência, retorno – com zelo e amor – ao caderninho em que anotei passagens, formas estilísticas, temas, estratégias discursivas e visões de mundo, deste livro assinado por Valdir Specian.

O cronista em voga, todos sabemos, é um geógrafo climático interessado em todos os temas e campos da geografia. Mas como outros geógrafos do Brasil, se inscreve, particularmente, junto aos que desenvolvem a geografia climática, campo do conhecimento que se ocupa em pensar os efeitos do clima no território e os efeitos das ações do território no clima.

Valdir Specian, face à sua formação, poderia dizer: “estamos na era das mudanças climáticas”. E face às suas inclinações políticas e intelectuais, poderia também dizer: “estamos na era das guerras de narrativa”. Aliás, Valdir Specian, durante dois anos, coordenou um projeto denominado “Narratividades geográficas”.

Pois bem! Se espicharmos o fio apelando para o recurso metafórico seria conveniente afirmar que, enfim, a atmosfera faz núpcias com a narrativa – ou afirmar, na mesma direção, que, enfim, a narrativa, diversa, disputada, profusa, faz núpcias com o clima.

Um geógrafo cronista como é o caso de Valdir Specian recoloca em cena figuras eminentes da geografia clássica, como da figura de Alexander

von Humboldt. Aliás, esse geógrafo naturalista alemão, apaixonado pelas viagens de campo e pela narrativa romântica, certamente foi o primeiro a levantar a bandeira para, a partir da junção entre ciência e arte, se constituir coletivamente uma consciência cósmica.

Valdir Specian com a sua “geografia do cafundó”; apalpando “ventos” e os ritmos da natureza; o sol vermelho no horizonte dominado pelo agronegócio; a renitente “negação da natureza”, elabora uma crônica com olho cósmico. O mesmo olho tece, com atenção, senso de observação e sensibilidade, uma crítica ao tempo dessa “nova política habitacional: o celu-lar”, ou “a vida na trincheira dos algoritmos”, na perante “a torre de babel”.

As crônicas de Specian demonstram que Ele é sujeito assustado com o tempo. Entretanto, com irretocável firmeza na luta pela democracia, na parceria com os movimentos sociais, se colocando como integrante do espectro diverso da Saúde do Trabalhador. É também sindicalista, doutor em Geografia, líder do grupo de estudo-pesquisa-extensão Dona Alzira.

No leque intenso de sua participação, Specian abre o peito para ver e sentir as tensões desse tempo no clima, no ambiente, no modo como o Estado e o governo fazem a gestão do território; nas disputas ideológicas, dentro de casa, na cidade onde mora, na rua e no clima. É um cronista total. É um geógrafo total. Um geocronista.

Sabe, Valdir Specian, patenteado nas crônicas desse livro, que há hoje, na trama social enraizada no cotidiano e nas relações entre as pessoas, o esgotamento do sujeito, o sequestro da atenção, a quebra das organizações coletivas. Sabe Ele que vivemos uma dificuldade de escuta e de aglutinação de forças. Sabe ainda dos fundamentos da violência social e do adoecimento de trabalhadores e trabalhadoras.

O olhar estupefato de Valdir Specian feito como crítica narrada em crônicas haveria mesmo de levá-lo “a ter saudade do tempo lento”, o mesmo tempo para o café, para a conversa tranquila e amorosa. Para a reflexão que vai do quintal ao sol.

As crônicas reunidas nesse livro certamente estarão em aulas de vários professores; poderão e deverão ser conteúdo de reuniões dos movimentos sociais e populares. Deverão fazer parte da pauta de ativistas ambientais e

culturais e de eventos de grupos de estudos.

Quando Valdir Specian, em sua tese de doutoramento, criou o conceito “resistência socioambiental”, talvez não pensasse que as suas crônicas também criariam outro tipo de resistência: a resistência litero-amorosa. Talvez lendo-as pode-se entender que é necessário discernimento, coragem e dignidade para viver esse tempo de mudanças climáticas e de tensões sociais e ideológicas.

Na crônica A Carta está revelado o centro de sua visão de mundo e de sua literatura:

“A tecnologia e a informação que são apresentadas como algumas das maravilhas conquistadas neste mundo pós-moderno não foram capazes de resolver várias mazelas do mundo dos anos 1950 ou de antes... A fome é uma realidade, os neofascistas / neonazistas estão aí.. O racismo invade nosso cotidiano”.

Como se lê no trecho, as crônicas desse livro esboçam críticas. Esboçam ternura.

*Eguimar Felício Chaveiro*  
*Prof. Do Instituto de Estudos Socioambientais,*  
*da Universidade Federal de Goiás.*



## PRIMEIRO PREFÁCIO

# QUAL O LIMITE PARA O LIMITE?

---

O que você verá nas próximas páginas não te fará feliz. A prosa poética de Valdir Specian te fará indignar-se. Indignação, por vezes, acompanhada de um sorriso irônico, um grito contido, um berro, um aperto no coração, uma lágrima a rolar, um turbilhão de emoções... No pensar em voz escrita, Valdir questiona a sociedade, a política, o Estado, a desigualdade e a injustiça social, a vida... Reflete como um ancião pessimista, pergunta como uma criança que desvenda o mundo e acredita na resposta de seu menino.

A Camuflagem de Heitor, em outubro de 2020, estreia na Coluna Opinião o estilo 'Speciano' de apresentar a inusitada questão, conhecida (ou não), e nos desconcertar... O transcorrer dos fatos mostra que Heitor é mestre em Mudança Climática Global e o autor desse inquietante livro formula com maestria novas questões a cada capítulo. O que contribui para a degradação global é o tipo de consumo (elétrico ou movido a combustíveis fósseis) ou a quantidade de consumo? A resposta? Specian polvilha pimenta à leitura, a gente que busque saborear, acalorando, aliviando, bailando... quem sabe pensando se seria possível criar o Clube da Esquina ou os Novos Baianos - se cada um dos membros desses grupos tivessem a companhia de seu smartfone.

Orvalhando o olhar ao se questionar: se a árvore de todos nós nos liga, por qual motivo não nos ligamos às árvores que nos trazem vida? Indignando-se contra o esfumaçamento das árvores tortuosas que alimentam e protegem a vida no Cerrado. E o que dizer, então [2021], das ilhas particulares onde pescadores e outros oprimidos não podem encostar suas canoas? Praias e praias privatizadas que não escapam a Specian... Assim como a vida sob encomenda dos trabalhadores colocados em xeque: o emprego + (vírus) ou a fome? Falando no Covid-19, que suprime o olfato, a fome

tem perfume? A pergunta desnorteia no Bálsamo da exclusão, enquanto o des-governo brasileiro pregava o negacionismo, muitos trabalhadores perderam a vida em meio a pandemia, outros perderam empregos e viram a fome chegar.

Qual o preço das hortaliças/frutas/verduras? Valdir se transforma quando fala do amor pela COMUNA de (várias) IDADES Colmeia em que não falta afeto para doar o alimento que sacia a fome. Enquanto os latifúndios exportam nossa água na forma de boi e soja para outros mundos e deixam apenas veneno para o solo e cursos d'água agonizantes...

As palavras de Specian levam nosso dedilhar à diagramação em versos:  
Um rio, uma curva, um meandro abandonado.

Por que a curva é o depósito preferido de tudo que o rio carrega?

Alguns capítulos são mais questionadores. As Guerras são racistas? [...] Entre tantas guerras, as mães da Maré já conseguiram embargar o Estado brasileiro pela guerra de morte contra seus filhos? [...] Não pretendem respostas, desestabilizam, nos fazem provar o mel envenenado: O desejo de destruição do Cerrado não tem limites – aliás, qual o limite para o limite?

A analogia do projeto habitacional Celu“LAR” com a formação das nuvens lhes provocará estranhamento. Deixem-se levar... o aprendiz de climatólogo Valdir lhes mostrará a coerência do argumento e a colisão e coalescência das atitudes... Não se furtem a vasculhar suas próprias entranhas procurando em qual parte da ‘nuvem’ seu conteúdo estará. E escutem suas previsões meteorológicas. Há ventos de pseudopoetas que parecem soprar como você – não se engane! Os ventos dos discursos bonitos são capazes de escrever, nas sombras da escuridão, despachos fascistóides.

As paisagens espelham nossa existência. E o fotógrafo Valdir as captura e dialoga, com versos e lentes sensíveis, acerca daquelas catapultadas à fama pelos algoritmos: A fotografia nunca foi tão importante, ela revela tudo e não revela nada. [...] O eu interior morreu! O que diriam os camponeses franceses do final do século XVIII se vissem em nossos dias? O medo não é pela fome! O medo agora é outro. A fome atinge todos, mas não afeta ninguém.

Na terna expressão “cafundó”, o Geógrafo Specian nos conduz ao “fim de

“mundo” para alguns terraplanistas e local de trabalho para muitas pessoas como a trabalhadora que varre as ruas em Nampula/Moçambique... um lugar/uma vida - muitas vidas!!!

*Rosangela Gaze  
Médica Sanitarista e Professora aposentada  
Secretaria de Estado de Saúde/RJ e UFRJ*

## SEGUNDO PREFÁCIO

# A CAMUFLAGEM DE VALDIR

---

Valdir, cujo sobrenome Specian sugere algo Special, nasceu no dia 27 de outubro de 2020, mesmo dia em que nasceu Graciliano Ramos.

Pelas mãos de seu filho Heitor, na Maternidade da Coluna Opinião, Valdir nasceu sem a camuflagem que, tantas vezes, disfarça recém-nascidos para que se escondam da literatura e que, pela falta de um Heitor, a mantêm durante tempos desperdiçados que, às vezes, duram para sempre. Sob a benção do autor de *Vidas Secas* e *Memórias do Cárcere*, Heitor, seu menino, logo rasgou-lhe as indesejáveis vestes que nos impedia de vê-lo Special mais ainda do que Specian.

Logo determinou seu filhote cientista: tudo isso aí é camuflagem, vá lá e escreva... E Valdir escreveu. E Valdir não perdeu tempo. Nós, nessa meia idade, fomos jogados num turbilhão de transformações, cada dia mais velozes, efêmeros.... os sentidos das coisas mudaram. Sua crítica fina e perspicaz dessa modernidade que nos comprime em muralhas vis medievais-símeles são descamufadas com seu estilo próprio, sensível, direto.

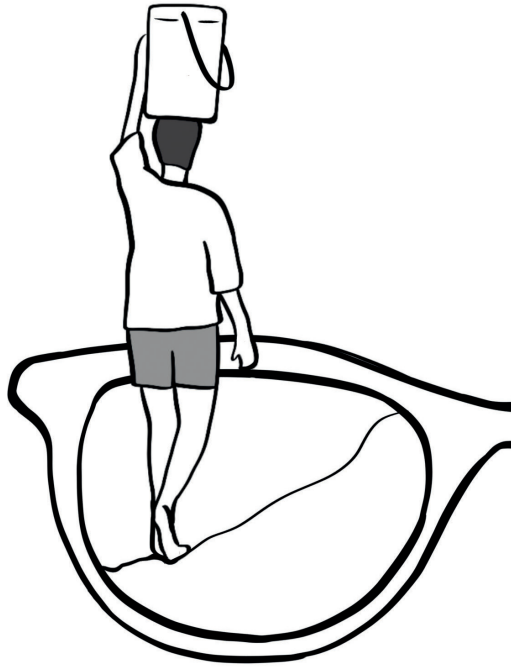
No córrego do Tamanduá, certa vez, um camponês alerta Valdir para o marimbondo da torneira. Sua escrita sacia uma sede de literatura que a água do mundo logo ali não irá suprir. Nas árvores Valdir viajaria nos seus galhos para pensar quem sou e por onde passou a seiva que carrego e que marca minha existência. Graciliano, onde esteja estará orgulhoso.

A fé que move as montanhas deixou de ser religiosa para ser a fé do capital que literalmente as movem, destroçam-nas sob a ordem predatória da mineração-commodity que vão compor os restos do amanhã / restos que impedem a vida. Mas, para Valdir, uma outra fé surgiu: a fé depositada na arte de escrever. Mesclar palavras com imagens, em suas viagens litero-fotográficas, possibilitou-lhe descamufar as vestes enganosas do agro para

desnudar a destruição do cerrado sob um sol vermelho. Vermelho de um sangue cada vez mais jorrado de uma modernidade que seduz pessoas simples no trajeto ao patíbulo.

Pois que então, esse Special geógrafo literato que cartografa espaços, viajante que é, desprende-se de seu celuLAR e sai a buscar novas paragens, sabendo que vai se instaLAR em outro LAR, lá p'ras terras do Cafundó. É lá que sua literatura singuLAR vai poder faLAR, interpeLAR e exaLAR novos aromas das flores do cerrado e de outros biomas degradados. Diz ele que é lá que temos um lugar/uma vida – muitas vidas!!! É mesmo lá que ele vai descamuflAR vestes sombrias e desveLAR a força da organização popuLAR.

*Luiz Carlos Fadel de Vasconcellos  
Professor aposentado do Departamento de Saúde,  
Direitos Humanos e Diversidade Cultural da Escola Nacional de Saúde  
Pública Sérgio Arouca – Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ*



# A CAMUFLAGEM DE HEITOR

---

Qual a escala de sua Mudança Climática Global? Se eu fizesse essa pergunta para diversas pessoas, provavelmente receberia como resposta – “como assim?” – e continuando a pessoa responderia é a “mudança do Clima no Planeta” – talvez respondesse, “olha esse calor que temos agora”. Os mais atentos – logo responderiam – “Global, escala Global como já está implícito!”

Em se tratando do tema/pergunta apresentado temos uma externalização do problema – o distanciamento entre causa e efeito. A mídia trata de abordar os efeitos distantes no tempo e no espaço. Aos sujeitos é imputada a responsabilidade de ter provocado aquela externali-



dade. Ao ligar o seu carro você diminui as chances de vida das futuras gerações! E no vídeo seguinte – na mesma emissora de TV – vem a longa e bem trabalhada propaganda: “Sinta o Efeito Yaris. Energia que Contagia a Cidade – 50% Elétrico, 100% Híbrido” (e outros 50%?).

O preço médio do veículo citado é de R\$70.000,00.... Logo, a imensa maioria dos brasileiros não poderá fazer nada para salvar o planeta! Vão continuar poluindo com os seus pés de bode!

Lanço outra pergunta – mas não me estenderei nas possíveis respostas! O que contribui para a degradação global é o tipo de consumo (elétrico ou movido a combustíveis fósseis) ou a quantidade de consumo? O capital sobrevive no marketing do consumo/não importa qual – o planeta se degrada no mesmo ritmo que se consome natureza (retirando matéria-prima) e completando o ciclo – na geração de montanhas de lixo.

Ao trabalhador culpado pela mudança global lhe resta a depressão de ver o valão de esgoto e de nada contribuir com a solução global.

Quando somos forçados a olhar o distante – ficamos míopes para ver aquilo que está próximo. A degradação tem outra escala, aquela ligada à vida cotidiana do sujeito. Se revela na falta d'água nos bairros pobres nas periferias das cidades. A água sempre acaba nas periferias. O lixo não pode ser coletado nos morros e/ou nas ruas estreitas de muitos bairros – o caminhão coletor não consegue manobrar! Sobra o lixo lançado nos pequenos cursos que nascem nas serras e que, nas chuvas, fazem inundar a parte baixa das cidades; contribuem para os deslizamentos e são carregados até se depositar nas baías e lagos... Esse lixo que vem dos Morros! O lugar para depositar o lixo/restos da reforma da casa do condomínio – não é na porta de outro condomínio – será na via de acesso aos bairros – nesta escala, sabemos quem produz o lixo e degrada e quem recebe os efeitos! Marcelo Lopes de Souza chama isso de injustiça ambiental (SOUZA, 2019).

Margaret Thatcher – Primeira Ministra da Inglaterra entre 1970/1990 é reconhecida como a primeira chefe de Estado a alertar sobre as Mudanças Globais no Clima – construíram uma narrativa errônea. Ela estava preocupada com outras questões, sobretudo ganhar a queda de braço política/econômica com a OPEP (organização de países exportadores de petróleo) e as petroleiras – colando a opinião pública contra os combustíveis fósseis. No campo interno queria destruir a organização sindical dos trabalhadores da mineração que ameaçavam seu governo. Não poderiam existir sindicatos dos mineradores/sem minas para trabalhar. Não tem nada de ambiental!

Com sua “Mentira Conveniente” – Al Gore ganhou um prêmio Nobel. Os dados usados para a trama do documentário premiado eram falsos.

Atravessando a BR 349 entre Correntina e Bom Jesus da Lapa (BA) – sentido o litoral, vemos do lado esquerdo o verde exuberante das plantações de frutas das grandes agropecuárias e do lado direito a seca brutal do semiárido – o milagre da irrigação com as águas do Rio Correntes não é para todos. A dimensão do Clima destes trabalhadores em atividades nas lavouras de fruta durante o dia é uma. À noite, quando voltam para suas casas, lado direito, e enfrentam a seca e seus azares – a dimensão será outra.



No Cerrado Goiano – mais rios desaparecem a cada ano! A rígida advertência do Antropólogo e Ambientalista Altair Salles (2014) nos traz uma dimensão da escala dos pequenos cursos d'água que deixam de ser perenes a cada período de seca. Em alguns assentamentos para a reforma agrária os camponeses ficam anos e anos no labor de buscar água nas costas (em baldes) – estamos falando do Cerrado no Centro do Brasil. Os poços rasos não dão água – pura rocha! A energia elétrica demora a chegar, impedindo a perfuração de poços semi artesianos, na seca, não resta outra alternativa. Em Sierra Maestra – Cuba não falta água e a questão da energia foi resolvida com os painéis solares!

No momento que escrevia esse texto – meu pequeno filho chegou. Trazia seu novo brinquedo – um dinossauro Verde (*Stegosaurus*, segundo ele). Colocou-o sobre o livro de capa verde de Orlando Valverde (*Geografia Agrária do Brasil*) – me disse que aquele dinossauro estava camuflado. Perguntei ao pequeno Heitor – o que é Mudança Climática Global – ele respondeu: camuflagem... Perguntei pela segunda vez e a resposta foi a mesma e então, ele falou ao meu ouvido, sou cientista... neste instante entendi que para ele camuflagem é igual à Mudança Climática Global, dinossauro era outra questão!

Enquanto os estados/empresas disfarçam suas preocupações e escalas das mudanças climáticas globais – escondemos/camuflamos a miséria da fome e da degradação no contexto do indivíduo.

#### *Referências:*

*SOUZA, Marcelo L. de. Ambientes e Territórios: uma introdução à Ecologia Política. Rio de Janeiro: Bertrant Brasil, 2019b.*

*BARBOSA, Altair S. "O Cerrado está extinto e isso leva ao fim dos rios e dos reservatórios de água". Jornal Opção, Goiânia, edição 2048, 04 out. 2014. Acesso: <https://www.jornalopcao.com.br/entrevistas/o-cerrado-esta-extinto-e-isso-leva-ao-fim-dos-rios-e-dos-reservatorios-de-agua-16970/>*



# A CARTA...

---

Iporá, 23 de novembro de 2020.

Querido Amigo, Saudações.

Espero que essa carta lhe encontre bem.

Escrevo essas linhas para lhe dizer como sinto saudades do tempo lento. Antes interpretava que essa nostálgica saudade era coisa de lembrar da infância e das brincadeiras de quem morava nas periferias, coisas que temos em comum. Mas não é!

Hoje ao ouvir seu áudio, interessante essa prolixidade – ouvir o áudio, coisas desse tempo... Você falava da sua condição, projetos parados, falou do seu cansaço, da construção dos conceitos que não se aprofundam... Acho que foi um desabafo ou uma resposta às minhas lamúrias.

Nós, nessa meia-idade, fomos jogados num turbilhão de transformações, cada dia mais velozes, efêmeros.... os sentidos das coisas mudaram. Em 1997 obtive meu primeiro e-mail, uma "revolução"! Na época devo ter pensando..... Agora eu posso me comunicar com pessoas de todo o mundo de forma rápida, pensada, escrita...

Mas agora esse tal e-mail parece caducar... poucos utilizam... Ter um fax naquele momento era algo fundamental – um documento. Escrevíamos documentos/cartas em máquinas de escrever e depois a mesma era enviada via fax... 1997, só passaram 23 anos desde que o e-mail (grátis) se difundiu no Brasil.

É lógico que a tecnologia avança e não irá parar e nos trouxe inúmeros benefícios. Mas meu amigo, homens não são máquinas – dezenas de grupos virtuais que como uma metralhadora giratória (grande invenção para matar) nos atinge com dezenas de postagens/cards/infográficos/discussões profundas e interpretações que se perdem ao meio de tantas mensagens

em menos de uma única hora (60 minutos)... Em um dia nos aprofundamos em indignação....corrijo – em alguns minutos! Logo depois (horas depois), nosso cérebro é bombardeado por outras informações/crises/indignações... e novas interpretações.

Outro dia você nos convidou para ouvir o Milton Nascimento, tenho alguns LPs dele e, sobretudo, de outro membro do Clube da Esquina – Beto Guedes, deste tenho vários LPs, sou fã de sua música, letras e melodia. Fico a pensar.... seria possível criar o Clube da Esquina ou os Novos Baianos – se cada um dos membros desses grupos tivessem a companhia de seu smartfone?

A tecnologia e a informação apresentadas como algumas das maravilhas conquistadas neste mundo pós-moderno não foram capazes de resolver várias mazelas do mundo dos anos 1950 ou de antes... A fome é uma realidade, os neofascistas/neonazistas estão aí... O racismo invade nosso cotidiano. A rica Europa e sua política de bem-estar social virou as costas para os migrantes... A mesma Europa que mandou centenas de milhares de mulheres/homens/crianças para o resto do mundo no início do século passado para evitar a tragédia da fome em um continente mergulhado em guerras.

De forma fugaz assistimos pelos nossos telefones.... que crianças latino americanas foram cruelmente “apartadas” de vossas famílias e colocadas em JAULAS em várias localidades da “américa” (com letra minúscula)... Enquanto seus pais eram deportados de volta aos países de origem... A grande américa – democrática e desenvolvida. A indignação, provisória, durou alguns dias nos grupos...

Que mundo esse? Que nos cobra agilidade; concorrência; individualidade... e esquece que ainda somos de carne e osso... e sobretudo de amor e muitas vezes de ódio.

Quero um tempo lento de volta... Não fiz as contas, mas acredito que já passa de uma centena de lives, reuniões, etc. que fomos envolvidos nessa pandemia. E que em algumas ocasiões são duramente controladas por seus moderadores. Estamos cada dia mais distantes e tão próximos. E a pandemia parece que vai sendo superada não pela cura da doença, mas pelo tempo que é dado às notícias e é lógico pela necessidade de novas

notícias e, também, pela virtualidade das relações (virtualidade é cura ou adoecimento coletivo?).

Quero pegar um ônibus e ir lhe visitar – vou de ônibus, quero olhar pela janela e ver um mundo que vibra, quero sentir a transformação, quero conversar com o passageiro ao lado – sem fones e smartphones, quero esperar e ser recebido com afeto... O tempo do café será longo e nossa prosa não será intermediada por um robô em nossas mãos – o tempo é nosso e a vida é para ser vivida...

Espero que essa carta chegue “rápido” e lhe encontro bem... até breve

Com respeito

Valdir Specian



# A ÁRVORE DE TODOS NÓS

---

Quero escrever sobre árvores – nada de árvores genealógicas, ainda que fosse e poderia ser – viajaria nos galhos desta para pensar quem sou e por onde passou a seiva que carrego e que marcam minha existência. Escolher a “árvore” para representar a teia que nos envolve aos antepassados é uma grande sacada. Mas fico a pensar: se a árvore nos liga, por qual motivo não nos ligamos as árvores que nos trazem vida?

Quando criança brincávamos nas árvores, nas cidades havia árvores, no campo de multicores e variedades de plantas, elas estavam lá. Agora a realidade é outra, no horizonte vejo uma única planta que cansa a vista pela monotonia da monocultura – tudo igual, mesmo tamanho. As árvores foram arrancadas, não estão mais lá.

Nas cidades elas foram arrancadas, pois atrapalham as faixadas das lojas, levantam as calçadas e sujam as ruas com suas folhas. Mas existe algo que poucos gostam de falar, o motivo obscuro que determinam o extermínio das árvores urbanas – elas servem para o pobre descansar, o peão usa para descansar, fazer a boia na hora do almoço, elas são arrancadas dos pobres que apenas querem uma sombra para o alívio no meio da jornada diária.

É interessante perceber na propaganda dos condomínios de luxo a referência ao bosque – está entre os principais itens para vender a possibilidade de conforto e bem-estar, a árvore da burguesia é negada aos pobres. No Maciço da Tijuca elas são disputadas – o ministério público diz que as favelas devem sair, são uma ameaça a natureza, a zona de amortecimento do Parque Nacional da Tijuca. É como dizer que as casas dos moradores das comunidades não são dignas para o lugar. E os condomínios de luxo que se avizinham – esses, bons esses... devem ser dignos, moradias dignas que não ameaçam a natureza!

Sábias são as comunidades indígenas que às árvores ofertam o seu devido valor, não por um acaso elas têm os nomes que eles definiram: Pequi, Guavira, Araticum, Murici, Mangaba e Mama-Cadela, árvores do Cerrado que só o conhecimento indígena foi capaz de dar vazão a sua essência. Em pé produzem frutas, ofertam vida, derrubadas dão lugar a mesmice. Mas mesmo mortas podem sustentar a vida – para os índios Guaranis na fronteira do Paraná com Paraguai, árvore é vida mesmo após a morte. O artesanato é árvore morta – que sustenta a vida. Uma alusão as vidas que árvores pouparam quando a grande e definitiva enchente chegou, o lago se formou e árvores que já sabiam de seu destino cruel não se furtaram em sustentar nos seus galhos condenados a vida dos bichos que procuram abrigo na grande cheia do Rio Paraná – a cheia da morte para gerar energia. Essas árvores-da-vida são eternizadas no artesanato dos povos guaranis do Ocoy (SANTOS e BERNAL, 2016).

Uma única árvore da Amazônia pode fornecer centenas de litros de água para atmosfera em único dia, água que se transforma em chuva e devolvida para a floresta permite os rios se avolumarem. A mesma chuva que é distribuída para o resto do Brasil, que chega ao Cerrado. Mas em uma dialética estranha, a sociedade capitalista atravessa esse ciclo e usa esses rios para transportar e armazenar troncos mortos, que após passar pelas serrarias são alocados em navios da morte que levam esse recurso para outros países – levam a água que enchem nossos rios e permitem as chuvas nesse imenso Brasil. A sociedade coloca os rios contra a floresta.

Não pensem vocês que isso é mazela exclusiva do sistema capitalista, senti falta de árvores nas áreas urbanas de Cuba. Mas de lá trouxe a esperança – em Sierra Maestra as árvores são protegidas, são plantadas e no meio dessa floresta o alimento é produzido - uma roça aqui, outra acolá. Na minha breve passagem por esse palco da revolução apanhei um limão no pé e o esqueci na mochila. Ele ficou o tempo suficiente para secar num processo fortalecimento das sementes, entreguei as quatro pequenas sementes nas mãos de quem saberia, com amor, cuidar e plantar – todas vingaram. Das quatro mudas, duas foram doadas para amigos, outra plantei na ilha de minha rua e a quarta espera o seu destino. Esse pequeno pé de limão é



fruto da revolução. O velho ermitão de onde tirei o limão me confessou que Che costuma colher limões naquela mesma paragem. Esse limão é filho da revolução, vou plantar essas árvores neste Brasil, minha revolução começa com árvores. E minha esperança continua...

No último Natal, em meio a pandemia, apenas uma árvore de minha rua recebeu decoração, uma homenagem com fotos dos iporaenses levados pela silenciosa gripe da morte (COVID 19). Logo, a árvore iluminada, brilhante e solitária começou a atrair visitantes, entre tantos, o pequeno Heitor também estava lá e com sua sabedoria de criança logo lançou o nome a mesma, guardou para si! Mas não resistiu e no outro dia solicitou: mamãe vamos lá na Árvore de Todos Nós. Que a sabedoria da criança de ofertar significado e valor há uma árvore esteja em todos nós.

*Referência:*

*SANTOS, José C. dos; BERNAL, Mac Donald F. Índios, Árvores e o Mymba Kuera: um olhar micro-histórico na tríplice fronteira. Revista Territórios & Fronteiras. Cuiabá/MT, vol. 9, nº 1, pp. 170 – 193, 2016.*



Miaú

Alnos 80

# NÃO É SÓ A FÉ QUE MOVE MONTANHAS

---

Sempre ouvi de pessoas religiosas e, sobretudo, de minha querida mãe que a Fé move montanhas. Ela (Dona Maria) é uma pessoa de muita fé, sempre que a coisa aperta recorro a ela e às suas orações para destravar os solavancos de meu cotidiano. Mas não sou versado em religiões, mas tenho fé. Para além dessa Fé que move montanhas e, é claro, logo penso no sentido literal – uma montanha sendo movida. Não coloco em debate a fé de ninguém – mas uma coisa eu digo – se a fé pode mover montanhas, o que dizer dos sistemas produtivos – esses não só movem montanhas, mas provocam profundas necroses nas paisagens e, também, em mulheres e homens.

Aprendi um pouco dos males da mineração com o nosso amigo Ricardo e em seus textos que misturam saúde; literatura; mineração; trabalho e Geografia. Me arrisco, com cautela, a vasculhar um pouquinho sobre o assunto. Nada muito profundo, apenas divagações – daquelas que temos quando estamos sozinhos...

E se em um instante – de um segundo para outro – O Morro do Macaco (Iporá/GO) desaparecesse; no Rio de Janeiro os cariocas acordassem e o Cristo que antes abria os braços para a cidade sobre o Corcovado, agora estivesse deitado na Borges Medeiros como se quisesse tomar água da Lagoa (a montanha sumiu – ficou “apenas” o Cristo); No Maranhão – os fiéis que se preparavam para subir a Serra Negra (Formosa de Serra Negra), agora – incrédulos – olham no horizonte e já não avistam a Serra de pagar penitência.

No Brasil, montanhas de minério são embarcadas em navios para virar reserva em outros países. Da Serra do Navio (AP) só restou a ilha em formato de barco, a Serra composta de Manganês partiu em outros navios... histórias e geografias de um Brasil distante.

Nas Minas Gerais, a poesia crítica de Drummond tem palavras que demonstram a tristeza das cicatrizes deixadas na natureza. Em “Confidência do Itabirano” ele declara a ausência de horizontes que se perderam de vista dos antigos moradores. Na crônica Vila de Utopia, outras referências: “O pico do Cauê, nossa primeira visão do mundo, também era inconsciente, calmo”. Drummond em seu retorno a Itabira do Mato Dentro transformou em versos suas impressões da paisagem e as marcas antes na “natureza” agora estão em seu próprio corpo, sua existência. Sua poesia é profundamente sublinhada pela mineração; o ferro; o maior trem do mundo.

Em minha infância na Periferia de Mauá/SP a principal referência paisagística era a avenida que serpenteava junto com o rio (Tamanduateí) o entorno dos morros, a vista se perdia junto a uma curva mais distante. Os morros ainda não haviam sido transformados em loteamentos/depósitos de pobres em suas periferias violentas. Entre esses morros tinha aquele que denominamos de Morro Verde, era o mais distante que podíamos ver, poucas vezes nos aventuramos em ir até o local. Hoje ele também virou um imenso loteamento – a paisagem da infância ficou apenas na memória. As paisagens espelham nossa existência.

Se o Pico do Cauê expresso em versos marcou a vida de Drummond, como as amigas e amigos do poeta foram feridas (os) e não tiveram a oportunidade de eternizar suas impressões em letras organizadas no papel? Às vezes a mesma paisagem que nos é roubada é onde homens e mulheres são colocados para trabalhar, para minerar. As empresas que não tem sentimentos/afetividades por qualquer natureza, contrata os trabalhadores e os coloca contra o Pico de sua Infância. Os trabalhadores das minas modelam suas paisagens imaginárias... e em outro momento essas paisagens engolem trabalhadores ou deixam eternas feridas em sua existência. Lesões em seus pulmões, agora fibrosos e que lhes nega o ar.

Se na distante Itabirito de Mato Dentro “as casas nunca se evadiram da escura paisagem da mineração” na atualidade os moradores da outra ponta, na Baía de Sepetiba (Bairro de Santa Cruz/RJ), sofrem com a chuva de prata provocada pela Siderurgia. Outras paisagens, outras marcas, os mesmos algozes.

Em Açailândia (MA) a maior motivação das quadrilhas juninas é cantar e dançar a denúncia contra a mineração e os trens de poeira que atravessam a Cidade e as comunidades rurais – a mineração e suas fraturas não se restringem em adoecer trabalhadores apenas nas minas ou nas proximidades das siderúrgicas. A maior rota de trem de passageiros do Brasil é na realidade a rota dos grandes trens de minérios/estrada de ferros e conflitos, estrada de exclusão da população nas comunidades dos Estados do Pará e Maranhão.

Nosso planeta é uma grande lata de lixo. Que me desculpe Lavoisier.. a transformação é fato, mas em nossa sociedade a transformação feita por muitos atende poucos. E a vida perde espaço nesse encanto da transformação. As montanhas movidas pela fé dos homens de bem, vão compor os restos do amanhã/restos que impedem a vida.

E imaginar que na Vila de Utopia o “Pico do Caué tinha ferro para abastecer quinhentos mundos em quinhentos anos”.

*Referências:*

ANDRADE, Carlos Drummond. *Confidência do Itabirano*. In: *Sentimento do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (1940). Disponível em: <https://memoriasindical.com.br/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Vila de Utopia*. In: *Confissões de Minas*. São Paulo: Cosac Naify, 2011 (1943). Disponível em: <http://www.viladeutopia.com.br/vila-de-utopia/>. Acesso em: 26 mar. 2021



# A NEGAÇÃO À NATUREZA NA SOCIEDADE DE OPRIMIDOS E OPRESSORES

---

Neste ano que Paulo Freire completaria 100 anos é salutar lembrar de sua obra. Os fascistas do poder espalham uma negação a Paulo Freire e isso nos provoca dois sentimentos – o primeiro é que devemos (re) ler Freire e buscar luz em suas obras e o segundo é que a negação ao filósofo e educador brasileiro é a prova inequívoca de que esses que estão no poder tem lado e o lado deles não é pelos oprimidos e sim pelos opressores (canalhas).

Uma série de artigos científicos ligam as Obras de Paulo Freire à Educação Ambiental – sobretudo na obra Pedagogia da Autonomia. Aparentemente o autor não faz referência direta ao tema, mesmo porque, ele escreveu em outra época, onde as preocupações do mundo eram outras.

De forma simples, como deve ser, tentarei associar nas linhas que seguem, como o título sugere, a negação a natureza na sociedade em que vivemos. Não se trata da sociedade brasileira das décadas de 1960 e 1970, escrevo sobre o presente e este que ao passar de segundos já se tornou “passado” e, portanto, escrevo com a iminente possibilidade de errar – mas é preciso escrever, ofertar sons e construir imagens para aqueles que insistem em não querer ver e ouvir (sentir) – uma tentativa de libertação dos oprimidos (sem entrar no mérito de fazer o mesmo com os opressores, como preconizava Freire).

A negação à natureza com expressão da relação social entre opressores e oprimidos é clara quando nos referimos ao cercamento do acesso às praias e balneários de cidades litorâneas. O loteamento da paisagem impunha a parte da população apenas uma fresta para observar as ondas que vão e voltam, um flagrante em que a justiça se nega a enxergar. Se nega, pois

parte dos condomínios que cerceiam o direito de ir e vir, o direito à natureza aos pobres e oprimidos, são locais de moradia daqueles/daquelas que deveriam fazer cumprir a lei e/ou que fazem as próprias leis. Uma junção de políticos(as), juizes(as), empresários(as) e tantos outros que em muitas vezes compõem o quadro de opressores.

O que dizer então das ilhas particulares onde pescadores e outros oprimidos não podem encostar suas canoas? Cada rico com sua ilha e aos pobres, se quiserem, subam os morros para apenas observar. E, cuidado, os melhores morros com a melhores vistas podem ser objeto de interesse dos opressores. Neste caso a justiça e seu aparato vai agir com o argumento da preservação da natureza e de salvar vidas das zonas de risco, um engodo para tomar os olhos e a vista desses oprimidos que ousaram em ter o direito de ver (ver as paisagens que lhe são proibidas). Muitos oprimidos, da parte baixa, vão aplaudir os opressores da justiça, achando que um dia terão o direito de conquistar seu quinhão lá no alto – doce ilusão de classe média brasileira.

E a maldade dos opressores não para por aí. Em suas grandes lavouras de commodities financiadas pelo estado, este que eles dominam através de suas bancadas, usam todos os tipos de venenos – chamam defensivos – nome bonito, mas o que esses produtos defendem? Nestas grandes lavouras, os opressores obrigam “seus oprimidos” a jogar toneladas e toneladas de venenos para aumentar sua produção/seus lucros. Mas latifundiários preferem morar nas cidades, longe dos venenos de suas lavouras e, na maioria das vezes, contraditoriamente, preferem consumir os alimentos saudáveis da agricultura orgânica/camponesa – um tapa na cara. Os oprimidos, que na maioria das vezes são os produtores e comerciantes desses produtos orgânicos (limpos), aceitam passivamente os sorrisos dos opressores (os donos do veneno) que chegam em suas hortas e lojas para comprar alimentos. Os preços dos produtos não permitem que os pobres oprimidos tenham acesso aos melhores alimentos. Reservas de valor! Nunca serão baratos, pobres não podem ter acesso.

A opressão não tem limites, as quebradeiras de coco no norte do país são impedidas de ter acesso aos babaçuais para colher o fruto que lhes dão sentido e vida. Cercam ou queimam essas florestas, mas as quebradeiras re-



sistem – com arte/com música. “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 2005).

Quando Casaldáliga (1978) escreveu os versos de Antologia Retirante não imaginaria que as cercas da burocracia no presente oprimem ainda mais os trabalhadores já oprimidos. “Malditas sejam todas as leis, amanhadas por umas poucas mãos para ampararem cercas e bois e fazer a Terra, escrava e escravos os humanos!”. As cercas das reformas que retiram direitos, que aumentam o tempo de contribuição, que coloca trabalhadores contra trabalhadores. Oprimidos contra oprimidos.

Quando uma pessoa pobre vai ao supermercado de ricos logo na entrada e na minha própria frase inicia-se uma negação... O olhar do outro trabalhador (pobre segurança/opressor/oprimido) é diferente, o sujeito (não cliente!) entrou caminhando, quando nem existe essa possibilidade – já que a entrada é só para carros... E o que dizer sobre a frase “supermercados de ricos” (portanto deve haver super de pobres, nesse caso não é super ou hiper – mas é mini). Percorrendo as prateleiras, esse oprimido vigiado, vai perceber que a maioria dos produtos não cabe em seu bolso. Pergunto, se a natureza é de todos, por que nos é negado esses produtos que são frutos da natureza!? Por que pobre não pode se alimentar daquilo que a natureza, que também deveria ser sua, lhe oferece?

A grande arma dos opressores contra os oprimidos é a fome de comida ou a sede de palavras, mas, ao mesmo tempo, é motivação para a ação revolucionário e libertadora dos povos oprimidos. Não podemos mais aceitar essa fome e essa sede que nos mata/a natureza é para todos.

### *Referências*

*FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2005.*

*CASALDALIGA, Pedro. Antologia Retirante. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.*



# UM SOL VERMELHO NO HORIZONTE

---

Ao final da tarde avistava caminhões, com suas cargas altas e meio retorcidas pareciam ter o desejo de deitar, não suportavam o peso das sacas de carvão sobre a carroceria. Outros carregam as partes das árvores que foram mortas/amputação ecológica – que ao fim vão virar carvão em siderurgias.

Na mesma tarde, quando a seca avança e o calor toma conta no Cerrado, não apenas os caminhões marcam essa paisagem. O carvão que vai nas costas desses caminhões deixa a fumaça para trás. O sol vermelho no horizonte perde sua força, nos permite fixar o olhar. Sua luz perde-se em tantos reflexos de fuligem, deixa o amarelo que nos arde os olhos e passa a ter um tom vermelho, consequência das queimadas. A fumaça no cerrado é tão forte que domina até o maior astro e impede sua luz de chegar – espetáculo fraudulento.

Se o caminhão se vai, a fumaça fica! E para aqueles que dependiam das árvores tortuosas para se alimentar, para se proteger? A paisagem vai ficando cinza e quanto mais caminhões, menos possibilidade de verde prosperar.

Para o churrasco de hoje, talvez utilizamos o carvão de árvores queimadas do cerrado, preparado em pequenas carvoarias perdidas neste sertão, que exploram a força de trabalho familiar: crianças, homens e mulheres tingidos pela fuligem, perdidos na fumaça dos fornos – suas mãos estão marcadas pelo calor, queimadas e embrutecidas pelo trabalho informal.

No passado e no presente – de passar boiadas – acredita-se que a retirada da vegetação e queima fazem aumentar as águas dos rios e riachos – pois não têm árvores para tomar a água do solo. Os caboclos mais espertos, os vazanteiros e geraizeiros; ribeirinhos, indígenas e quilombolas, os cerradeiros não tem dúvida, o Cerrado em pé que é vida, água em abundância.

Cerrado esquecido na constituição, não é área prioritária para conservação. Quando os senhores do agronegócio contrata um camponês/cerra-deiro para trabalhar no feito do tal desenvolvimento – exploram e matam duas ou mais vezes: fazem homens e mulheres entrarem em conflito com sua existência e origens – as plantas que antes ofereciam chás/remédio e comida, agora são restos cortados/queimados. Às vezes, para fugir da incipiente fiscalização, abrem buracos e as esteiras ao longo da noite empurram as árvores para dentro da terra. O Cerrado, floresta de cabeça para baixo, é estupidamente mergulhado e morre sufocado.

Cada árvore cortada é por vezes queimada, invoca agonia de homens/mulheres e bichos. Devasta-se com a justificativa de produzir alimentos, mas os alimentos não chegam aos pratos dos brasileiros pobres – no Cerrado ou Mata Atlântica. Árvores derrubadas que fazem os geraizeiros migrarem, derruba a fonte de vida e alimentação, substitui-se por “estéreis” eucaliptos que não dão frutos/não alimentam – mas dizem trazer desenvolvimento. Por vezes, os solos tornam-se frágeis, sem a proteção de tortuosas árvores de profunda raízes, são carregados e os leitos de rios perdem sua majestade, secam, a vida se afasta.

No lastro do tal desenvolvimento, os buritis, senhores das águas em suas zonas permanentes úmidas que pulsam fertilidade, são afogados pelas barragens. Quando não queimados e destruídos. Palmeiras que demoram 200 anos para chegar à vida adulta que o único pecado é fornecer água para a vida. A morte dos buritis é a morte dos rios.

Às vezes dizem que a queimada é natural ou provocada pelas populações que vivem no Cerrado, mentiras! São ações combinadas para passar a boiada, árvores tombam e a braquiária “naturalmente” surge na paisagem! As estradas que cortam o cerrado viram zonas de sacrifício, os bichos correm para o asfalto para “procurar abrigo” são atropelados e mortos, os acostamentos viram cemitérios de tamanduás e outros animais.

O Cerrado pede socorro... Os voos das araras agora são mais longos, uma gritaria urbana, as palmeiras estão distantes, foram sacudidas pelas queimadas para plantar. Os rasantes dos tucanos são mais anunciados, faltam árvores e seus longos bicos miram em árvores cada vez mais afastadas.

Mas o Cerrado teima, revigora... Bastam as primeiras chuvas para o verde brotar, as cores mudam. O cuidado faz a pulsante vegetação regenerar. As sementes aproveitam-se do calor do fogo e passam a desabrochar, novas árvores, novo ciclo. Os Cerradeiros precisam do Cerrado e este precisa dos homens/mulheres para lhe proteger. Essa simbiose só é possível fora do sistema que nos ofende/que escraviza/que mata. Nossa resistência é socio-ambiental, ofertando a vida para vida/abundante/saudável.

Quando avistares um caminhão carregado de lenha ou carvão, cansado e querendo tombar, lembre-se, ali vai à vida/ensacada, apartada e amordaçada. Para trás deixou um rastro de destruição, permitiu a exploração de homens e mulheres em carvoarias e tirou o sustento das famílias coletoras. Levou o abrigo dos bichos e deixou a promessa da seca. Vão dizer que é desenvolvimento, não acredite. É na realidade mais fome e injustiça, seca e tristeza.

“A ausência do Cerrado, é escassez de água e carência de vida”.



# CRÔNICA SOB ENCOMENDA

---

Hoje escrevo sob encomenda. Faço para atender uma pessoa querida, minha leitora, a mesma que há muitos anos fez eu continuar os meus estudos, momento de atribulações e eu, sem norte, fui pego por sua mão e levado para buscar a escola onde era possível estudar, essa cena ficou lá atrás, lá no final da década de 1980, ano de nossas mudanças, inflação e desemprego, desespero e fome. Os fiscais do governo daqueles distantes 1986/88 foram enganados – em certo momento faltou tudo nas prateleiras dos supermercados (hoje sobram e se perdem produtos, mas falta dinheiro para as pessoas comprarem). Mas a encomenda que ela fez é para “falar sobre tudo isso que estamos vivendo hoje, de que forma fomos afetados. Mas sem entrar nas questões políticas, nada de política no assunto”.

Tenho um compromisso de falar de gente e de ambiente, não nessa ordem, somos todos ambiente, tentarei não falar de política, encomenda é encomenda! É quando é feita por uma pessoa que tenho muito carinho, não posso recusar. No começo de 2020 me motivei a olhar o mundo com esperança, aquela de Paulo Freire - esperarçar.

O avanço da pandemia me fez ter a esperança de que as pessoas mudariam de atitude, enfim o motivo para a verdadeira ordem global da solidariedade. Hospitais sendo montados, preocupação com a vida, governos falando em estatizar leitos para atender os doentes que chegavam em grande número, a sensibilização do mundo com os italianos que tiveram seus corpos carregados em caminhões. O vazio das cidades e a solidariedade de famílias cuidando de famílias, os mais jovens emprestando os serviços aos vizinhos que não deveriam sair de casa. Em Cuba, uma senhora inglesa faz um agradecimento emocionado pelo direito de desembarcar de um navio de cruzeiro. Empresas fazendo grandes/pequenas doações. As cidades se

tornam mais limpas, o sol apareceu depois que a fumaça das fábricas se recolheu. Os peixes foram avistados nos canais de Veneza, antes tomado pela água turva do esgoto. As praças vazias de turistas foram reocupadas pelas populações locais.

Mantenho a esperança, sem ela, é como deixar o sonho se apagar. Uma vida sem sonho, é vida sem poesia, pois nos é permitido “carregar água na peneira”(Manoel de Barros). A querida leitora pediu que não era para falar de política, acho que ela não quer ouvir o nome daquele que não deve ser nomeado, o projeto de fascista que nos governa. Mas posso falar de economia...

Ela, minha esperança, às vezes fica trôpega... O sistema que move a economia do mundo não vacila. Com rápidas mutações se ajusta e reequilibra suas ordens. Aproveita-se do momento e deixa a boiada entrar, o fogo abre lugar para seus capitães do mato. Trabalhadores são colocados em xeque, escolha o emprego + (vírus) ou a fome? – “você é empreendedor de si mesmo”. Uma equação dolorosa, matemática de horror. Minha esperança frustra-se ao ver alimentos sendo enterrados nos cinturões verdes das grandes cidades e, ao mesmo tempo, a fome enche as geladeiras das casas nas comunidades não muito distantes.

Nem a pandemia é capaz de parar as guerras do mundo e de nosso cotidiano. O natal do ano passado foi um pouco diferente, não sei como será esse ano! Mas uma coisa não mudou, as crianças das periferias podem até sonhar com Papai Noel, mas a realidade tem outra face, o trenó é blindado e o bom velhinho usa farda e empunha fuzil, aparece de surpresa e em qualquer tempo. O sistema é sádico. Pergunto, quem armou os Talibãs? É preciso armar, para depois desarmar... afinal a guerra não pode parar. No meio da pandemia, os palestinos perderam suas casas e ao reagir foram novamente atacados – as bombas (não) escolhem os alvos. Os iemenitas foram esquecidos, assim como os sírios. Minha querida, já percebeu que a televisão, rádio, e aqueles sites que carregam nossos celulares podem até falar da fome, mas não falam de política econômica. Dá forma que está parece bom para as elites que nos dominam e é... No meio da pandemia ficamos felizes ao descobrir que novos brasileiros entraram para a lista da Forbes, novos bilionários.



Alguns religiosos, te-mentes a Deus e protetores de seus rebanhos fizeram um grande jejum da salvação em nosso país e depois aproveitaram para vender a água, sementes e outras artimanhas da salvação. Mas na hora que a coisa apertou preferiram procurar a vacina em outros países. Uma guerra ideológica movida para perdoar..., sim, perdoar... mas não se iluda, querem mesmo (e conseguiram) perdoar as dívidas de capital/impostos de suas entidades de capitalizar a esperança e a fé dos desesperados.

Respondo a minha leitora querida: a questão não é a forma de como somos afetados e sim como vamos reagir. Vamos reagir com sonho e poesia, vamos reagir com indignação e luta, vamos avisar aos desavisados que estado só é mínimo aos pobres, que reformas – desse estado – via de regra, só servem para aniquilar direitos. Vamos reagir com esperança, olhando o outro como seu irmão, sua imagem. Lembrando que somos seres incompletos, afinal, temos um aparelho respiratório para tomar o oxigênio que não produzimos, por nossa boca entra alimento e água – é direito, não esmola. A água limpa e o alimento saudável em quantidade suficiente, nem mais e nem menos – É DIREITO! Nós temos direito ao trabalho, mas não podemos ser expostos às máquinas de triturar gente – um transporte lotado, salas de aula sem ventilação, hospitais sem oxigênio. Precisamos nos indignar que o frio que alegra aqueles que têm agasalho é o mesmo que preocupa as mães que não podem cobrir seus filhos e filhas nas noites e dias frios de suas precárias moradias. Não é justo que as geladeiras sejam um símbolo de desperdício de alguns lares e desespero de outros e eu não falei da fila de ossos de Cuiabá...

Reaja minha querida irmã, faça hoje o melhor que você não foi capaz de fazer ontem.



# CASA DE CAMPONÊS

---

Ao começar a deslizar os meus dedos sobre o teclado, busco traduzir em palavras as imagens e sentimentos do momento. Escrevo sobre o ambiente. Não escrevo sobre pessoas e meio ambiente – assim, separados. Escrevo sobre o ambiente, este que nos envolve e que somos parte (uma minúscula parte). Alguns ambientes parecem utópicos. Não sei por onde começar essa descrição, usarei o sol e a alvorada – o crepúsculo como o ponto de partida, esse momento mágico. No horizonte a luz começa a surgir e vai tomando conta do lugar. A escuridão da noite, agora tímida, se retira levando os seus segredos. Um novo dia começa. Plantas molhadas pelo orvalho da noite tem um charme próprio. Nesse campo são cultivadas algumas roseiras – suas pétalas carregam pequenos pingos d’água que lhe emprestam encanto para suas cores: amarelas, vermelhas e brancas. Os sons são vibrantes – pássaros alegres exercitam suas asas para lá e pra cá... um cantarolar – e eu começo “andarilhar”. Um novo dia começa neste lugar da utopia.

A casa onde dormimos é capítulo à parte – sempre aberta. Cada um pode preparar seu café, sem cerimônias, se preferir tome um mate. Apesar do lugar ser denominado como parcela, como parte, dividida e cercada – aqui não sentimos as cercas que nos impeçam de entrar, é livre. É preferível chamar de unidade de produção, talvez dê sentido a utopia e em breve seremos muitas unidades, uma comuna. Não imaginem uma fábrica (unidade de produção fechada), imagine um local onde você tem a liberdade de cultivar o solo e as plantas. Denominaram de Colmeia, mas isso estará em outra crônica.

Outro dia, estimulado por Porto Gonçalves – comecei a falar que somos seres incompletos – esquecemos de nossa condição heterotrófica. A destruição do ambiente é autodestruição e as bolhas ou naves (bilionários lunáticos)

não serão para todos! Neste lugar, de utopia, isso foi superado, não nossas incompletudes! Não... Neste lugar produzimos oxigênio, plantamos árvores, frutíferas e não frutíferas. Nos completamos enquanto ambiente – fornecemos o CO2 para as árvores e em troca elas nos devolvem oxigênio – ela não cobra nada por esse fornecimento. Na unidade se plantam árvores e as mesmas em tom de homenagem ganham nomes de revolucionários/humanistas/pessoas comuns que pensaram na coletividade: Raimunda (Quebradeira de Coco); Maria Margarida Alves (antes morrer na luta do que morrer de fome) Chico Mendes; Padre Josimo; Casaldaliga; Ana Primáveis, Divino (s); Rosa Luxemburgo, Dorithy... Sim, não foi escrito errado, quem chegar pode plantar e colher, envolver as mãos/o corpo na terra – sentir-se ambiente.

Aviso 1 – aqui não entra o fogo que destrói o Cerrado e o veneno das commodities. Produzimos alimentos para a vida!

Caminho e observo canteiros cheios de hortaliças. A princípio até parecem abandonados – outras ervas disputam o espaço com alfaces e berinjelas, essas últimas são um pouco diferentes daquelas encontradas nas feiras que são vistosas/bonitas. Desse lugar de utopia, as berinjelas são menores/não uniformes e confesso, à primeira vista parecem raquíticas. Mas não sofrem preconceitos por isso, elas são puras, não são narcisisticamente envenenadas como as irmãs de algumas feiras-livres.

Nesse lugar – padres, pastores, freiras, ateus, espíritas, aqueles que professam a umbanda ou candomblé - todos juntos e misturados festejam a vida com amor e caridade. Na Unidade, quando um trabalhador se ausenta do trabalho não tem o ponto cortado – e se ele precisa viajar, a COMUNA de (várias) IDADES assume as atividades para continuar a produção de alimentos.

A mais-valia (absoluta ou relativa) não se territorializa nesse lugar – tudo é dividido e a posse da terra não existe. Herdeiros – nem pensar... a terra é para produzir alimentos e não para a lógica da posse que exclui.

Os bêbados – depois de uma jornada na cachaça encontram abrigo nesse lugar – sentam-se e aguardam o prato de comida que será servido – sem apelos ou retificações. Tempo de recuperação para dedicação ao trabalho e posterior jornada (na cachaça) – e não serão julgados por suas posições étlicas.

Aviso 2 – fascistas não procuram esse lugar – mas, se chegarem serão bem vindos e educadamente serão orientados... Esse lugar é para dividir amor ao próximo.

O dia avança, tem muito trabalho, e no meu andarilhar sou convidado a visitar as touceiras de bananas de várias qualidades, ao meio encontro abóboras, outras frutas – os pés de mamões estão carregados. Os tomates se espalham em novo experimento, cupuaçu protegido na floresta, cresce. O maracujá invade com suas ramas uma árvore aqui... e quando o fruto se desprender, colhemos e preparamos um bom suco. Tudo ao seu tempo. Cuidadosa a vida: no solo; nas plantas; na água e no ar – enche o lugar de harmonia... As palhas, folhas que cumpriram o ciclo em suas plantas são convidadas a continuar sua jornada protegendo o solo, são úteis. Não existe morte, pois a vida aqui é sequência/contribuição.

No Cerrado a seca chega forte, é preciso água para manter a vida e a produção de alimentos. Água nessa unidade vem do poço e da represa, enche a caixa e se distribui sobre os canteiros. Comparada aos grandes pivôs que exportam nossa água na forma de boi e soja para outros mundos e deixam apenas veneno para o solo e cursos d'água agonizantes, na unidade da utopia a água é devolvida sem veneno e ela ajuda a produzir alimentos, que alimenta dezenas de famílias. Qual o preço das hortaliças/frutas/verduras? Que ofensa... Não tem preço – se devolve algum valor monetário para o projeto continuar, mas quem chegar com fome e não tiver moedas – tudo bem! Não faltará afeto para doar o alimento para saciar a fome. A CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) faz a sua parte e mantém vivo esse sonho de respeito à terra e a vida.

Um amigo – que tem um lindo nome e uma rica trajetória de vida é o timoneiro que entoa essa utopia por mares calmos. Se você procura esse lugar de utopia de valorização da Vida e do Amor ao próximo, Ele existe. Posso levar você até lá. Tenho certeza que vai gostar. Da descrição do dia – parei nos primeiros minutos, tenho muito o que dizer desse lugar. Talvez escreva uma tese em crônicas – serão muitas páginas para dizer que é possível viver em um mundo melhor.



# BÁLSAMO DA EXCLUSÃO

---

Em um instante senti o aroma da pimenta (de cheiro) que os goianos gostam de ter em todos os pratos... e de súbito fui buscar outras fragrâncias, algumas parecem alteradas. Esses instantes são assopros de sensibilidade... o olfato me foi tomado em setembro de 2020 e não voltou/efeitos duradouros dessa doença terrível. Isso não é nada, muitos trabalhadores perderam a vida em meio a pandemia, outros perderam empregos e viram a fome chegar. A fome tem perfume?

Enquanto isso, o governo insiste em seu negacionismo: da vacina; da fome; das queimadas que transformam tantos perfumes em um único be-dum de fumaça/de morte. Mas não se iludam, não é negacionismo e sim negacionismo" (Sandro Cezar – CUT/Rio de Janeiro). Um grande negócio neoliberal, uberização de todos os setores/o fetiche do home office. Você é dono de seu tempo. Tempo de separação dos trabalhadores/de negação/criminalização de movimentos sociais e da luta de classes.

Volto aos perfumes... Corro para o pequeno jardim e, propositalmente, esbarro no pequeno pé de alecrim, fecho os olhos e busco sentir o aroma inconfundível desse pequeno arbusto mediterrâneo... Nada, nenhuma gota!

Não desisti, arranquei uma folha do pé de limão revolucionário (a muda que agora se desenvolve na Parcela Colmeia) e a essência estava lá. Que alegria! Em um instante meu pensamento se voltou para Sierra Maestra. A imagem do velho camponês que cuida do sítio de onde emprestei um pequeno limão com apenas quatro sementes se tornou viva. Como será que ele está? E se ele morasse no Brasil? Acredito que esteja seguro/feliz em sua tapera no alto da serra, com seus porcos, milho, limão e café – vida simples!. A vista de sua janela é para o longo e profundo vale do Rio Yara, berço da revolução cubana, que linda imagem.

Na louca busca desse “Terroir do Cerrado”, abro o vidro de mel, um leve/distante aroma me toca e desaparece. Uma tênue decepção! Mas o cérebro (compensador) me empresta a cena das colmeias em suas caixas. Recebi aulas sobre abelhas de um amigo, uma mistura de camponês/funcionário público/raizeiro do Cerrado e contador de histórias... ele empresta um pouco de mel de abelhas para distribuir aos amigos e ainda oferta todas as receitas possíveis para curar todo o mal – com mel

O cheiro de mel me leva aos remanescentes de Cerrado/as flores à espera da polinização: Cipó-uva; Lixeira do Cerrado; Carvoeiro; Pequi; Aroeira; Assa peixe do Cerrado; Mata pasto. Como a natureza nos brinda de tantos detalhes em meio a profunda simplicidade.

Quero sentir os cheiros, quero estar na paisagem, quero incorporar os lugares, me sentir ambiente...

Aos povos das grandes cidades e pequenas também, é bom saber! Do Cerrado retiram-se as árvores – aquelas que as abelhas visitam – Carvoeiro, Pequi... são arrancadas com a técnica do correntão, derruba-se tudo, enterra-se ou queima-se com a nobre justificativa de produzir “alimentos” e desenvolvimento. Mas o alimento não chega / os pratos ainda estão vazios. Que enganação, é apenas mais exclusão e concentração de renda.

Os perfumes permanecem e são privatizados/bálsamo da exclusão. As crianças, maltrapilhas, quando se postam à frente dos restaurantes foram (a) traídas pelo aroma da comida que lhe é negada. Ficam à espera de uma boa alma que oferte uma marmita, antes, porém, precisam enfrentar o cerceamento dos seguranças que as expulsam – na mesma ordem/força que o fazem com os caninos que ali frequentam.

O aroma provoca o cérebro e este determina o deslocamento, a fome tem pressa! E na incapacidade de sentir essas essências – uma falsa ideia que os famintos sumiram das portas dos restaurantes. A Covid escolhe classe – sim escolhe!

Nos lixões – distantes dos olhos das pessoas de bem, as mesmas crianças maltrapilhas precisam enganar o cérebro para não sentir os odores fétidos do lixo produzido das sobras dos frequentadores dos restaurantes e procurar, nas montanhas de lixo, os restos de alimentos que lhe calam os estôma-



gos. Uma luta para encontrar entre os odores do lixo o mesmo aroma da porta do restaurante.

A fome tem “perfume”.

As Crianças têm fome: as Crianças nas balsas à deriva no Mediterrâneo TEM FOME; as Crianças lançadas nas cracolândias do mundo TEM FOME; as Crianças em meio as guerras TÊM FOME; as Crianças Indígenas nos aldeamentos urbanos TÊM FOME; as Crianças que vendem no trânsito TÊM FOME; as Crianças migrantes nas Jaulas da “grande américa” Têm FOME; as Crianças de Paraisópolis TÊM FOME; Crianças despejadas com suas famílias por governos que insistem em falar de Deus – TÊM FOME; Crianças órfãos da pandemia TÊM FOME; As Crianças que você menos imagina TÊM FOME.

Tive a esperança que a pandemia traria uma nova ordem para mundo, preocupação com o planeta e para com os seres vivos que aqui habitam, me enganei. Concordando com Pignati (Wanderlei A. Pignati), a pandemia “trouxe apenas um acirramento dos mercados”. Seguimos produzindo guerras, exclusão, fome, destruição do ambiente, patifarias, desocupações forçadas de trabalhadores sem-teto/sem-terra e tantas outras barbáries.



# EÑUNI A EKOBÉ: ENTRE O SOFRIMENTO E A RESISTÊNCIA

---

O Fogo, grande força da natureza, foi dominado por mulheres e homens a cerca de 10 mil anos A.C. Mas, na verdade, ele foi parcialmente dominado e muitas vezes mal utilizado. O fogo proporcionado pelas lavas de vulcão em fúria é algo maior que o homem. O fogo descontrolado no Cerrado é algo de domínio do homem – da fúria do capitalismo.

Mas o fogo que queima e devasta é afrontado. Não apenas ele, a seca no Cerrado é brutal e unida ao fogo é devastadora/provoca sofrimento. No puro ato de confronto/de coragem as plantas reagem. Após a queimada, que devasta o Cerrado, é solene lançar-se, permitindo a perpetuação das espécies. Os Ipês são os primeiros: o cinza e o carvão deixados pelo fogo são motivos para recuar, pelo contrário, é provocação para o início de um novo ciclo.

As flores dos Ipês – amarelos – se destacam na paisagem. Lançam as flores em meio ao caos e, usando de toda a energia, resistem. As flores (polinizadas) se transformam em vagens carregadas de sementes que ao seu tempo, ainda na seca, se desprendem em voo livre para buscar o solo mais distante e, aguardam pacientemente as chuvas chegarem para germinar (Eñuni) a vida (Ekobé).

O fogo é aliado quando quebra a dormência vegetativa das sementes. O Cerrado é forte. Os camponeses que resistem nesse Brasil Cerrado são fortes.

Em Canudos – Assentamento de Goiás – muitos camponeses chegaram nas áreas devastadas da antiga fazenda desapropriada com poucos pertences. No pasto degradado foi necessário resistir e produzir, recuperar o solo, lançar sementes e iniciar um novo ciclo.

Chaveiro (2021) aponta que na natureza nada é quadrado. O sentido, figurado, nos leva a atinar sobre a capacidade de transformação e vibração da natureza. Canudos abriu mão do quadrado burro, usualmente utilizado na divisão

de terras para a Reforma Agrária, preferiu os raios, as parcelas unidas formam círculos que unem as famílias ao centro/no eixo dessa grande roda da vida.

Tristes são as plantas que sabem que seus frutos são estéreis. Ayny (sementes) que não podem oferecer vida. Um desarranjo socioambiental provocado por aqueles que querem controlar a “Ekobé”. Camponeses de Moçambique foram iludidos ao receberem sementes transgênicas doadas por multinacionais – um engodo da segurança alimentar em detrimento da soberania alimentar.

A tecnologia nos permite avançar, ter conforto, mas não se pode esquecer do complexo/simples dos antepassados. Guardar a semente, diversificar e garantir o futuro. A diversidade colorida das sementes crioulas que índios, depois camponeses utilizam, resistem a centenas de anos, conservando o Cerrado em pé. A revolução verde e a tecnificação do campo – fez o mesmo Cerrado agonizar em menos de 5 décadas. O simples/o simples. E para nunca esquecer, a fome não nos deixou. O campo tecnificado e (re) acionário expulsou camponeses para os centros urbanos, nos “quadrados das cidades”/geometria da fome/da ignorância/da exploração de sonhos impossíveis. Eles resistem, precisam deixar sementes para as futuras gerações.

O Cerrado vivo é espaço dos camponeses e da agroecologia. A permanência na terra é um ato de resistência, a recuperação e conservação do Cerrado, seus rios, nascentes, o solo é mais que isso – é um ato de resistência socioambiental.

Encher o Cerrado de sementes/de gente que tenha consciência de classe/que lute pela vida de tudo e de todos é a tarefa do momento. Negar a ocupação do Cerrado por gente é permitir a ocupação das máquinas de morte.

### *Referências*

CHAVEIRO, Eguimar F. *A Implacável Fragilidade do Quadrado*. In: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/artigos-de-julho-a-setembro-de-2021>.

# VIDAS NO TEMPO DO DESPÉRDÍCIO

---

Nos últimos dias do ano de 2021 algumas reportagens/imagens chamaram minha atenção e, talvez, de uma parcela da sociedade. A primeira é a reportagem sobre as roupas (novas e usadas) jogadas no deserto do Atacama no Chile. A fotografia mostra mulheres/criança escolhendo peças em meio a montanha de roupas descartadas no deserto mais árido do planeta – <https://www.brasilefato.com.br/2021/11/15/o-lixao-de-roupas-no-atacama-e-o-colapso-da-civilizacao>. A segunda reportagem é sobre as crianças Yanomamis que estão morrendo por desnutrição e doenças e/ou são sugadas por dragas de garimpeiros que atuam dentro do território indígena distribuído nos estados do Amazonas e Roraima.

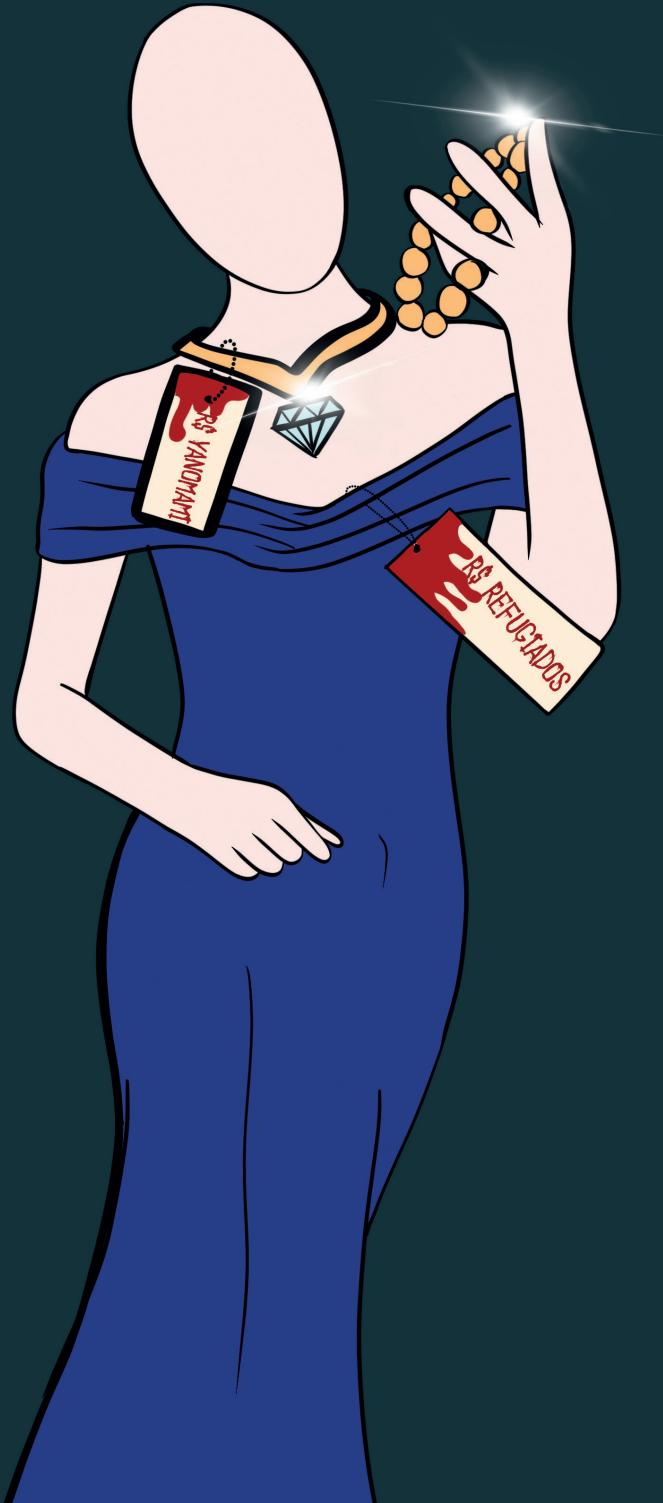
[https://cultura.uol.com.br/cenarium/2021/11/15/1636995618\\_desnutricao-cronica-oito-em-cada-10-criancas-yanomami-sofrem-com-deficiencia-nutricional.html](https://cultura.uol.com.br/cenarium/2021/11/15/1636995618_desnutricao-cronica-oito-em-cada-10-criancas-yanomami-sofrem-com-deficiencia-nutricional.html).

A terceira reportagem faz referência ao menino que ficou feliz em encontrar no meio do lixo uma árvore-de-natal. Pausa na busca de alimentos para guardar a árvore e que mais tarde seria levada para enfeitar sua casa.

<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-12-03/o-menino-e-a-arvore-no-lixao-o-cartao-natalino-do-brasil-dilacerado-pela-fome.html>

O que essas imagens/reportagens têm em comum? É um retrato de nossa sociedade.

A quantidade de roupas novas e usadas descartadas no deserto do Atacama é uma marca da sociedade de consumo. Se produz muito mais do que é necessário, ao preço do esgotamento dos recursos naturais, enquanto pessoas não têm o que vestir/que comer em várias partes do mundo. Uma roupa nova ainda é um presente favorito daqueles que não tem o que comer e/ou vestir. Boa parte dessas roupas descartadas no Deserto de



Atacama são produzidas na Europa – o mesmo velho continente que nega abrigo aos refugiados famintos que chegam com a roupa do corpo em precárias barcaças em seus portos. No Brasil a indústria têxtil está entre as que registram as piores condições de trabalho, exploração de trabalhadoras e suas crianças – migrantes em ambientes insalubres, sem direitos, sem salário digno, sem direito à vida. Nas “indústrias têxteis clandestinas” de São Paulo a mão de obra é indígena – peruana e boliviana.

A produção de roupas é feita à custa da exploração do ambiente (crianças/mulheres/homens/animais/plantas/água/solos/rochas...) e qual a relação disso com os territórios indígenas!?!...

Vivemos o tempo em que não basta ameaçar as terras indígenas já demarcadas e/ou deixar de reconhecer territórios indígenas não homologadas, querem mais, estão matando as crianças indígenas, é a descontinuidade dos povos. O maior obstáculo para a usurpação dos territórios indígenas são os próprios povos indígenas. Os garimpeiros são aqueles “contratados” para fazer esse serviço sujo, o objetivo final é incorporar mais áreas para exploração e produção daquilo que não “será consumido”. No devido tempo os garimpeiros serão expulsos/descartados ou “convocados” para prestar serviços em outras terras.

Não podemos deixar cair no esquecimento que o Brasil é governado por um genocida e as crianças Yanomamis são as vítimas da vez. Faço uma res-salva, segundo a Comissão da Verdade, o genocídio Yanomami começa com o ex-presidente da FUNAI – Romero Jucá (com STF e tudo – para lembrar...). A estratégia é clara – eliminam-se os líderes indígenas e suas crianças – exterminam-se as comunidades.

E as crianças nos lixões... a já esquecida Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS (Lei 12305/2010) ou mesmo o privatizante Novo Marco Regulatório do Saneamento (Lei 14.026/2020) foram postergando o fim dos lixões, deveria ser em 2021 e agora é previsto para 2024 – via mão invisível do mercado. A equação não se fecha – não temos crianças no lixo porque existem lixões. As crianças dos lixões são aquelas que viram seus direitos negados, cujos pais ou avôs foram expulsos do campo e/ou fugiram do flagelo da seca e da fome. A equação não se fecha, crianças dos lixões são aquelas

que deveriam usufruir da escola em tempo integral. No Brasil faltam vagas em creches e para amenizar o problema, secretários de educação fecham uma sala de tempo integral para abrir duas salas de tempo parcial. Faltam lugares nas creches, sobram vagas nos lixões e no colos das mães exploradas na indústria têxtil.

A Árvore de Natal descartada – perfeita para o Gabriel da Silva – deve ter sido produzida na China e exportada ao Brasil, antes, porém, foi preciso produzir minério de ferro e manganês em Mariana e/ou Carajás. Os trens de conflito da Companhia Vale do Rio Doce carregados com minério atravessaram as comunidades no Estado Maranhão e após serem embarcadas em navios servem as indústrias chinesas. As partes em plástico da árvore talvez tenham sido produzidas por meio de resinas derivadas de petróleo extraído de algum local do Brasil e exportado para o país do oriente.

Para se extrair os recursos minerais comunidades inteiras são atingidas: indígenas, camponesas, quilombolas, ribeirinhos, pescadores... A equação se fecha na expropriação da vida, aqueles que têm o território negado farão parte dos excluídos do consumo e consumirão as sobras do mundo/as sobras de nossas casas. Você trocou sua árvore-de-natal por uma mais nova no último ano?

Essas reportagens têm em comum o nexos de uma sociedade de exclusão, é a mesma que não apresenta limites na exploração dos recursos naturais. Quando olhamos para o lado e observamos que existe alguém precisando de ajuda, uma criança com fome... é um sinal que o nosso futuro está comprometido, um sinal que a humanidade está falhando.

As consequências chegam mais rápido para alguns, é verdade.

Mas, chegará para todas/todos em seu devido tempo.

Não precisamos de mais terra para plantar commodities,

precisamos distribuir terras e plantar alimentos;

Não precisamos do ouro de garimpos,

precisamos de casa para morar;

Não precisamos de mais etiquetas, precisamos de roupas para vestir;

Não precisamos acumular, precisamos viver;

Não precisamos desmatar, precisamos distribuir renda e acabar com a fome;

Não precisamos de desperdício, precisamos de vida.



# TRAVESSIAS

---

A interconexão é a realidade de nosso mundo, vivemos plugados. A busca é incessante à procura de um ponto no outro lado. As diferenças entre o desejo e a necessidade marcam dois conjuntos/classes. De um lado aqueles que precisam chegar e a rota pode ser árdua! Trabalhadores em transporte público, clandestino ou regular, são amontoados como sardinhas (vivas) em latas para chegar ao outro lugar. Em Moçambique chamam de “Chapas My Love”, que neste caso estão juntinhos/as ao sabor do vento, chuva e sol.

O relógio preciso de Galileo di Vincenzo foi tomado pelo capitalismo para determinar o tempo da exploração – duas horas e trinta minutos de ida e de volta para chegar à posição de exploração – conexão não remunerada. Muitos trabalhadores acumulam dinheiro e realizam o sonho de comprar seus próprios veículos, virando reféns das travessias congestionadas que não deixam passagem. As motocicletas, por sua vez, transformam-se em instrumento de aniquilamento de trabalhadores!

Tem um grupo que marca sua travessia pelo sabor do desejo. Podem se deslocar para o trabalho usando suas próprias aeronaves, pousando em seus helipontos. Nas férias, como em 2021/2022, faltaram jatinhos para transportar alguns milionários brasileiros em suas travessias de lazer.

## **Tudo é uma travessia!**

A grande luta de uma pequena planta do Cerrado, que pretende se transformar em árvore, é de fortalecer suas raízes, atravessando o solo seco e duro para encontrar a água da vida. Isso demanda um longo tempo e paciência. Aproveita-se do período chuvoso para avançar – em troca permite que a água se infiltre, atravessando o solo pelos espaços abertos por



suas raízes. Mas, a ganância e a motosserra, em poucos minutos ou até em segundos atravessam o caule e colocam fim a rica jornada.

As águas das chuvas pedem passagem, e no caminho levam o que está a sua volta, arrancam casas, pontes, árvores... Usualmente, os móveis e imóveis das pessoas mais pobres são os mais atingidos. As águas, traídas e disputadas, são controladas e amordaçadas em alguns lugares – só alguns têm direito de brincar de fazer travessias. Em outros lugares, em silêncio, elas permitem a ocupação de suas margens, áreas de inundação e mais tarde – são culpadas pelo desespero que provocam nas famílias. No congresso os ruralistas tramitam projetos de barramentos de interesse social – um título deturpado para as “cercas” particulares de água.

Rios voadores atravessam longas distâncias até chegar no Cerrado, o bioma se deleita com a abundância de chuvas. E as águas pedem passagem, enchendo reservatórios da Bacia do Rio Paraná, produzindo a energia que nos deixa conectados. Mas sem a evapotranspiração da grande floresta tropical, como fator de input, isso deixará de acontecer. E como se a cada passagem da motosserra, um pequeno fio da conexão fosse cortado, um dia vão faltar árvores, fios, rios e conexões.

Em 1906, o brasileiro Alberto Santos Dumont desejou atravessar o Campo de Bagatelle, levitando – foram 60 metros que mudaram a história do mundo,

para o bem e para o mal... Pouco anos depois, em 1914, a invenção do brasileiro ilustre já era usada para tentar matar camponeses no Contestado.

E não foi a primeira vez que o exército da recém criada república brasileira fez uma travessia para aniquilar camponeses. Em 1897 a matadeira (Canhão Withworth 32), um trambolho de quase 2000 kg – puxado por bois (tenho dúvidas sobre isso...), percorreu mais de uma centena de quilômetros pelo sertão – abrindo estradas para chegar em Canudos. Quantos tiros? – talvez um – que atravessou o arraial e atingiu a Torre da Igreja – o resultado todos sabem – mais de 25 mil camponeses mortos... Sem Canudos, os sertanejos teriam morrido nas travessias secas da miséria do Sertão.

Uma faca que supostamente atravessou o abdômen de um ser inominável mudou a história de um país. Mais tarde, essa aventura psicopática contribui para que milhares de espíritos tivessem uma precoce travessia, deixando milhares de “corpos amontoados” para trás. O rito de passagem foi usurpado/impedido. Crianças farão o percurso da vida sem conhecer seus pais e seus filhos não terão avôs para lhe conceder o direito da travessia, de mãos dadas, até o botequim do outro lado da rua para comprar um doce...

Busquemos uma travessia suave do olhar – encontrem outros olhos que lhe atravessam com afeto.

Tudo é travessia, como a suave travessia de bicicleta sobre o rio Bayamo/ Cuba.

# RITMOS DA NATUREZA E A SOCIEDADE

---

Um bloco de rocha se desprende, como? Ele estava lá, parecia firme, mas se desprende. Uma rocha se partiu, sem que nenhuma marreta a tivesse acertado o cerne. A física quântica será capaz de prever o exato momento em que as vibrações do universo permitiram a desagregação das partes de um resistente bloco de rocha?

Um rio, uma curva, um meandro abandonado. Por que a curva é o depósito preferido de tudo que o rio carrega? Entres as curvas formam-se meandros e após tanta escavação se desprendem do curso do rio. Nasce uma lagoa marginal, um novo ritmo/uma nova oportunidade da natureza. No futuro, breve, ninguém vai se lembrar das curvas dos rios e dos seus depósitos não selecionados.

O mar tateia suavemente a costa, com as areias dissolvidas em suas águas arrancam outros grãos de areia presos às rochas. Um ritmo de marés que sobe e desce, movidas pela distante lua que nem luz própria tem. São milhões de anos para uma falésia se formar, ao sabor das marés, das luas, dos climas e da geologia. As intervenções humanas aceleram os processos, as cercas não serão capazes de segurar o mar!

As sibipirunas - *Caesalpinia pluviosa*, que podem viver até cem anos em seu habitat chuvoso da Mata Atlântica, padecem no Cerrado e em seu período de seca. As damas de ouro, como são conhecidas, interrompem, precocemente, seu ciclo de vida nestas bandas. O Cerrado tem o seu tempo e adaptar-se ao mesmo exige muitas transformações.

Uma gota de chuva ao cair pode provocar com o seu impacto a formação de uma pequena crosta no solo desnudo. Essa camada impede a infiltração e acelera o escoamento, que por sua vez, rompe a crosta e inicia o processo de erosão. Uma única chuva e tantos ritmos. A velocidade do escoamento é



***As cercas tentam conter o avanço do mar no ponto mais oriental das Américas – doce ilusão. Ponto Seixas – julho/2018 – arquivo pessoal.***

determinada pela inclinação, cobertura e tempo/isso determina a vazão – a mão do homem desequilibra esse ritmo dançante das águas em superfície.

Uma gota, duas, três, milhares de gotas encontram em cada folha de uma árvore um pequeno reservatório de água. Ao seu tempo, como em um processo de sifonagem, as folhas liberam a água armazenada para novamente se encher. A queda não será livre, encontrará outras folhas ou galhos para percorrer um “lento” caminho ao solo. As sobras ficam à disposição de pássaros, insetos e outros bichos. Permitem uma mudança na reflexão dos raios solares. Menos árvores, menos reservatórios de chuvas e mais enchen-tes... uma gota, uma folha, um ritmo...

Árvores, folhas, gotas... Algumas espécies preferem abrir mão de suas folhas – (semi) caducifólias... Para que manter folhas se não existem gotas de chuva para segurar? Ledo engano, elas não apenas seguram água da chuva... a ausência das folhas é garantia de água no solo. Mas basta a primeira chuva para a paisagem seca/espinhenta se transformar – o verde aparece,

um novo passo nessa natureza dançante é dado... vem as folhas/as gotas e os reservatórios, é tempo de segurar a água da atmosfera.

Um dia, uma floresta, um campo Cerrado. Em outro dia, árvores estão derrubadas e queimadas, a roça de toco se instala. O tempo passa e o solo desgastado oferta lugar ao pasto, a boiada vai entrando e o camponês vai saindo... ritmos das transformações. Agora sai o pasto e entram as commodities – rompe-se as cercas e impõe-se o discurso – o agro é pop/sertanejo... O Camponês é agora um ser suburbano...

Suavemente um casal de pequenos pássaros voam da árvore ao solo – a busca é por barro e matéria orgânica. A construção, dizem, pode demorar de uma semana a um mês, depende das chuvas e por consequência do barro disponível. O João de Barro usa cerca de 0,3% do tempo de vida para construir uma casa... Os trabalhadores brasileiros passam a vida inteira tentando construir suas casas, algumas não conseguem... Seria a “ausência de visão de futuro” como disse o inominável genocida presidente... O barro da casa de João é o mesmo que cobre o sonho das famílias em áreas de risco.

Pobres, quando morrem soterrados pela lama ou têm suas casas inundadas são culpabilizados pela ausência de visão de futuro. O estado brasileiro, portanto, lava suas mãos em relação ao direito de morar. Outros pobres assistem suas casas serem demolidas, a ocupação é irregular. São poucos os brasileiros privilegiados que têm auxílio moradia... Acho que se o João de Barro falasse português – mandaria o mandatário a merda!

A pressa!?, para quê ter pressa em atender o insaciável patrão? O capitalismo, como máquina de trituração da vida, tem pressa. Quanto mais pressa, menos tempo para pensar, a pressa faz brochar a vida. As retas servem a pressa, a “linha curva livre e sensual, a curva que encontro no curso sinuoso dos nossos rios, nas nuvens do céu, no corpo da mulher preferida” é que atrai o Niemeyer e a mim... Mas devemos ter pressa em nos indignar contra a destruição da vida; contra todas as formas de racismo, a retirada de direitos, a desigualdade e exclusão social...

As tramas do Capital tentam subordinar os ritmos da sociedade e da natureza. Busquemos um novo equilíbrio – suavemente curvo – de nosso planeta.

# A ÚLTIMA GUERRA

---

Falar em guerra no singular é um claro eufemismo do mundo real. Talvez se imaginássemos que a globalização em determinado momento tenha salvado o mundo, poderíamos dizer: ocorreu uma falha e esse mundo globalizado e utopicamente justo teria entrado em guerra e vários focos do conflito se espalharam pelo planeta...

Então teríamos uma única guerra.

Mas, como a aldeia global só serviu para justificar as espoliações dos povos... dizendo "agora seu país faz parte da OMC (Organização Mundial do Comércio)!" Não podemos considerar uma única guerra, como a mídia insiste em mostrar. A guerra continuará até o momento em que os índices de audiência não justificarem mais o pagamento das cotas para as poucas agências internacionais de notícias. Esses escritórios que massageiam/mo-delam e metamorfizam as informações aos sabor dos interesses dos poderosos do mundo, em nosso caso, a visão ocidental do mundo.

A guerra parece ser apresentada na mídia com reality show... as últimas disputas, os líderes, os próximos capítulos.

Não, definitivamente não temos uma única guerra. Mas moramos em um único planeta.

As guerras midiáticas ou não... fazem muito barulho, as sirenes tocam, os estrondos das bombas devem ser assustadores. A guerra provoca a fome; famílias são deslocadas de seus lares; mulheres, crianças e idosos são expostos às piores barbáries provocadas por outros seres humanos. Nos escombros das moradias, queimadas, as pessoas se abrigam, se escondem e a noite escura pode não ser silenciosa! A guerra causa horror.

No entanto, existem outras guerras que não aparecem nas capas dos jornais do mundo: Estadão; Fox News; Folha; El País; The New York Times;





Financial Times; The Washington Post; Le Monde; G1; CNN; etc., etc... aliás em todos eles aparecem as mesmas fotografias, os mesmos vídeos.

As outras guerras não são silenciosas, mas são silenciadas pelas agências... O Silêncio de uma guerra é atributo de uma agência de notícias!

Não irei falar de números, pois todas as vidas importam. Mas, infelizmente, as vidas têm preços diferentes para as agências que noticiam as guerras. Neste momento, o norte da Etiópia está em guerra. O IÊMEN vive uma avassaladora guerra sem fim. A população da Síria foi exposta à Guerra, o que sobrou de Damasco, umas das cidades mais antigas do mundo? A população da Síria foi bem aceita na União Europeia? A Líbia vive uma "guerra silenciosa" desde a queda de seu governo, ditador ou não!

O Congo é outro país que vive uma guerra sem fim. A fome é uma guerra que mata, sem apontar uma única arma, a vida vai sendo silenciada, ao final apenas um suspiro, antes do descanso, após uma "vida eterna" de sofrimento. A destruição ambiental do Congo é uma guerra que provoca fome, que provoca guerra.

A guerra civil em Mianmar acabou?

O povo do Afeganistão, após 20 de ocupação de tropas da aliança liderada pelo governo estadunidense – finalmente encontrou a paz em 2021?

Acredito que quando esse texto se tornar público, a guerra na Ucrânia, para a mídia, terá esfriado... as bombas e os caças supersônicos e/ou a aviação não tripulada já não provocarão barulhos de horror... O mundo ficará à espera da próxima guerra.

Taiwan, talvez? Ou a disputa pelo controle do mar do sul da China? Quem sabe!

No último dia 21 de março, foi comemorado o dia internacional contra a discriminação racial. As Guerras são Racistas?

O velho continente – que já viveu muitas guerras, tem algumas guerras particulares.

São tantas guerras em meio às guerras! Em comum, sabemos que as consequências das guerras são duradouras.

A Grécia, porta de entrada do continente que o diga! O campo de refugiados de Moria, na ilha grega de Lesbos, parece ter sido estrategicamente pen-

sado. O local foi projetado para receber 2 mil pessoas e hoje ultrapassa, em muito, esse número. São humanos de vários países da África, sobretudo do norte desse continente; do Oriente Médio; da Ásia Meridional, etc... – Muita geografia para esconder rostos humanos punidos pela ganância do mundo...

Na realidade – o Campo de Doria – não é um sonho de ilha grega dos filmes/dos deuses... A ilha de Lesbos no mar Egeu é a ilha da vergonha europeia/ é local de barramento de refugiados de guerras em países pobres. Conflitos financiados pelas nações ricas do mundo.

Doria não é o único, nem o maior campo de refugiados de guerras do mundo... Talvez, o maior campo esteja em Cox's Bar – Bangladesh, local de acolhida da "minoría rohingya" de Mianmar. – São quase um milhão de humanos.

Sim, a guerra é racista!

Inclusive políticos brasileiros foram exercitar sua xenofobia/misoginia, seu racismo na Ucrânia.

Qual o limite entre o suprimento de recursos naturais/minérios e uma guerra? Aceitamos a guerra para receber gás e petróleo?

Escondemos a guerra em curso no norte de Moçambique e justificamos a exploração mineral desse país. Vale S/A uma guerra pela exploração de carvão e gás em Moz?

NADA JUSTIFICA A GUERRA! Mas é vergonhoso pensar/midiatizar a "guerra do outros" e esconder nossas próprias guerras!

Enquanto a guerra da Ucrânia corria em nossa mídia – uma guerra contra os povos indígenas ganhava um novo aliado – "o regime de urgência para o projeto de mineração em terras indígenas". Mais uma vez: minério; exploração; expulsão; mortes; guerras – frias ou quentes! Minério para quem – cara pálida!? Minério para fazer armas de guerras/ das próximas guerras.

Você já ouviu falar das comunidades geraizeiras da APA do Rio Preto – Oeste da Bahia – Região do MATOPIBA. Pois é, elas vivem uma guerra silenciosa, desarmadas, lutam contra o Condomínio Empresarial Cachoeira do Estrondo... Querem não apenas expulsar os humanos que vivem nessas comunidades, querem matar as pessoas e sua cultura.

Entre tantas guerras – As mães da Maré já conseguiram embargar o es-

tado brasileiro pela guerra de morte contra seus filhos?

Sentado na minha cadeira de praia (lendo sobre a guerra do outro lado do planeta), percebi que a água já não era tão límpida, um tom marrom parecia querer tomar a minha visão do fundo/da areia. O fundo do rio estava ficando encoberto com uma fina camada pegajosa, a lama cobriu a areia... foi ficando feio, nojento, resolvi partir, chega desse rio!, fui enganado, disseram que era o caribe amazônico. Mas antes de partir, com o olhar mais atento, percebi que havia minúsculos tons vermelhos na água, não sei o que era aquilo. Passados alguns dias li uma pequena nota, em página escondida do jornal – me chamou a atenção, pois havia a palavra guerra... Uma guerra assola a Amazônia, os garimpos revolvem tudo e a floresta desaparece, os índios são mortos e jogados ao rio, o sagrado foi corrompido. Ainda bem que eu moro longe de lá!

Como justificar uma última guerra? Qual guerra? Nenhuma guerra se justifica!

# NÉCTAR ENVENENADO

---

Os anos de 2019, 2020 e 2021, marcam não apenas pelo surgimento do Coronavírus (SARS-CoV-2) e a sua disseminação que provocou uma pandemia. Vivemos momentos de retrocessos em todas as áreas. O sofrimento provocado pela fome tomou conta de nosso país. O desemprego atingiu níveis de calamidade e a violência contra os trabalhadores só aumenta. Enquanto isso, alguns poucos aumentaram suas fortunas. Um deplorável retrato da desigualdade social.

Nas bandas de cá, no Cerrado Goiano, esses anos serão memorizados pelo avanço, sem precedentes, do agronegócio sobre novas áreas. Os senhores desse tipo de negócio não mediram esforços para ocupar e tomar novas áreas. Qualquer pedaço de chão passou a ser disputado para dar lugar às lavouras de soja.

Os impactos são nítidos, sai a pluralidade do Cerrado e suas diferentes fitofisionomias e entra a monótona paisagem de uma planta só. Uma parcela considerável da sociedade acredita que isso é modernidade. Nossos trópicos, marcados pela diversidade biológica, vão se apequenando.

Devo insistir... querem derrubar tudo, o Baru tombou e o Pequi está sumindo. Guavira e Cajuzinho serão encontrados apenas nas páginas dos livros e nas poucas reservas que resistem. Uma amiga do Instituto Federal de Iporá – adverte: no futuro não teremos pequi no Oeste Goiano. O tempo de crescimento e frutificação do Pequi é ultrapassado pela saga de sua destruição. A festa da colheita do pequi está com os dias contados. Talvez algum esperto invente o pequi sintético – roer Pequi ficará no passado dos goianos.

O desejo de destruição do Cerrado não tem limites – aliás qual o limite para o limite? O que nos aterroriza é que a destruição das árvores/dos habitats impede a reprodução de todas as formas de vida. Vale a máxima – “Sem



Cerrado, Sem Água, Sem Vida”

O berço das águas foi deteriorado. A chuva ainda cai... mas o seu escoamento é rápido e carregado de sedimentos que entopem os pequenos e grandes cursos d’água, as grotas secaram.

Neste enredo de desolação, as abelhas são expropriadas de suas flores/ do seu território – o êxodo da colmeia. Neste Bioma tombado, as abelhas não encontram lugar para pousar e já não sabem para onde voar.

O êxodo marcam os povos ao longo da história! A maioria dos deslocamentos são forçados. Outros deslocamentos são diários/pendulares – o trabalho provoca êxodo. O êxodo provoca a dor da separação, das dificuldades, das incertezas.

O Brasil da modernidade do agro, liberou só em 2021 quinhentos novos venenos. O voo das abelhas é limitado pela ausência dos campos e as flores que sobram estão contaminadas por milhares tipos de venenos. O néctar está envenenado.

A ética das abelhas não permite titubear – entre produzir mel contaminado para as colmeias e para nós, optam pela morte. Mel é a exaltação da pureza, não combina com flores envenenadas das commodities.

A devastação do Cerrado é como o apagar das luzes para as abelhas. Elas caem, perdem a capacidade de voar. Sem as flores, não temos voo, não

temos mel, apaga-se as luzes da vida.

E a pobre modernidade esquece que as abelhas e outros insetos são responsáveis pelo transporte do pólen – sem abelhas, o pólen deixa de ser transportado. Não haverá fecundação, não teremos frutos, não teremos alimentos... talvez os sintéticos!

Mas sempre haverá esperança. As abelhas e os apicultores expropriados encontram abrigo nos Assentamentos Rurais. Alguns apicultores de Iporá/GO e suas colmeias se deslocam para onde o camponês faz morada, onde o Cerrado não foi tombado. É fato que isso tem um custo! Os inviabilizados da mídia, os camponeses, estão salvando as abelhas, o mel, os apicultores. Estão salvando a reprodução da vida. Abelhas e apicultores são como os camponeses, precisam de terra, florestas, água e flores, como todos nós.

Em nosso jardim as abelhas são bem-vindas. Nossas orquídeas são um convite para elas. Aqui não entra veneno. O nosso atraso permite a polinização para a renovação da vida.

Fotografia – Polinização das Orquídeas (Catasetum) pelas abelhas negras (Eulaema nigrita). Iporá/GO – fevereiro/2021 – autor: Valdir Specian

# NOVO PROJETO HABITACIONAL CELU “LAR”

---

Comecei a escrever pensando na derrota, na minha derrota. Depois imaginei que estava em processo de vitimização, mudei o título, pensei em dispersão. Mas acho que é uma derrota mesmo, não apenas minha. Para não ficar tão trágico, imaginemos uma mudança de rota.

Já faz tempo que percebi algo diferente acontecendo, eu estava ficando para trás, minha rota parecia outra. Em 2010, durante minhas viagens semanais entre São Carlos e Rio Claro (SP) era quase improvável encontrar alguém que estivesse sentado ao meu lado e não tivesse com um fone de ouvidos. Dificilmente havia um diálogo, algo interessante entra por aquelas pequenas peças que se encaixam nos ouvidos e são ligadas por um fio ao celular. Instagram e WhatsApp estavam engatinhando neste tempo.

Me sentia negado, a negação do outro. Nem um bom dia/boa tarde ou uma resposta ao pedido de “com-licença”. Algo corriqueiro que poderia permitir o início de uma conversa.

O tempo passou, estamos em 2022.

Essa separação de rotas continua a todo vapor. Sou atropelado pelas tecnologias. Não apenas eu, como escrevi antes.

As pessoas se curvaram... entram para o banheiro e voltam para a sala com o pescoço curvado, olhando para o aparelho sobre as mãos estendidas. Um balé estranho, todos seguem – cegamente – seus caminhos sem olhar para os lados. O olhar é para as mãos. Saem da sala e se dirigem para cozinha da mesma forma. A casa agora é apenas um detalhe que acoberta outro lar... Um Celu-“lar”.

Em 2010, quando viajava, ainda ouvia algum murmurinho. Hoje as pessoas conversam sozinhas. No transporte coletivo as conversas são como um monólogo... Falam e não ouço ninguém respondendo... acho que estão





todos ficando loucos.

Mas as mãos agora estão ágeis como nunca. Um carinho frenético dos dedos que deixariam qualquer amante de outros tempos com inveja. Mas o carinho não é respondido... os dedos ágeis passam sobre uma tela... são mais curtidas por segundo que a quantidade de vezes que um beija-flor bate suas asas no mesmo tempo.

Vivemos o tempo da solidão compartilhada. As pessoas se isolam em seus mundos e compartilham tudo para milhões de outros seres solitários. Quantas curtidas vão receber: dezenas, centenas. Mas, estranhamente, continuam a se sentir solitárias.

Algo tão grave acontece que muitos pais perderam a guarda de seus filhos para esse novo "lar". É ele que comanda tudo. Não ocorreu nenhuma separação litigiosa e/ou uma interferência do conselho tutelar. Se tornou "normal" os celulares tomarem a guarda dos filhos.

Para que os filhos (mais velhos) respondam há um chamado é preciso que a mensagem passe pelo aparelho, como um filtro, como um processo de censura. Poderá chegar ou não. Poderá responder ou não. A mãe/pai estão na sala e o filho TAMBÉM... mas a comunicação precisa ser avaliada na passagem pelo aparelho que controla o antigo Lar..

Às vezes surge uma pontinha de esperança, um casal sentado à sombra de uma árvore ou na mesa de um bar. Cadeiras próximas. Eles parecem dialogar... Mas com um olhar mais próximo percebemos que o diálogo é outro. O pescoço curvado não deixa dúvidas, eles estão avaliando o que o aparelho posta. Estão em algum monólogo, estão solitariamente acompanhados.

Falando em mesa de bar... Vejo que o horário mais sublime das famílias... a hora da refeição (quando tem) foi invadido por esse controlador de "lar". Entre uma garfada e outra não sobra tempo para um comentário elogioso sobre a refeição, um assunto corriqueiro do dia. Se engole a comida sem mastigar, rápido... para sobrar tempo para uma pequena gargalhada para a nova piada idiota postada. Uma mão no garfo e a outra na tela. Quando é preciso cortar um alimento, falta tempo para tocar a tela. Se rasga o alimento com brutalidade, sobra tempo/suavidade para mais uma curtida. Que merda isso!

E entre os intelectuais, críticos... não é diferente. Durante a melhor parte do evento científico, haverá um percentual considerável dos presentes que estarão preocupados com as coisas que acontecem em seu "lar". Enquanto o palestrante apresenta uma fabulosa teoria do controle social na modernidade... o sequestro social acontece. Terminada sua palestra, é lógico, ele, o palestrante, igualmente vai buscar alguma novidade no pequeno aparelho. Talvez, alguém atento, faça alguma pergunta inteligente

Não bastasse a "diversão" das redes sociais... o aparelho agora é o principal controlador do trabalho/trabalhadores. Os robôs humanos, curvados para o pequeno aparelho, agora vem sendo substituídos pelos próprios aparelhos. Robôs que espalham mentiras e que decidem eleições. Se você não baixar o novo "App" não poderá acessar a vida... A vida agora se resume à quantidade de "Apps" que te controlam.

"Tudo o que é sólido se desmancha no ar (...)". A frase nunca fez tanto sentido. Tudo está nas nuvens! Eu, aprendiz de climatólogo, sei que as nuvens sofrem constantes metamorfoses. Uma Cúmulos-nimbos ao deixar precipitar todo o seu conteúdo se tornará, obviamente, vazia. Na queda, as microscópicas gotas sofrerão um processo de "colisão e coalescência..." todo o conteúdo será misturado/esvaziado – provocará enchentes/desastres/sofrimento. Em qual parte da "nuvem" seu conteúdo estará?

(...) Conheci um ancião em Sierra Maestra – Cuba,  
que parecia não ter um único parente,  
vivia com os bichos/plantas e muita chuva (...),  
além, de uma linda imagem do vale encaixado do Rio Yara.  
E ele não parecia sozinho, ele tinha alegria no olhar.  
Seu barraco o envolvia era seu Lar... ele não tinha o outro "lar".  
Na Rota por esse lugar colhi o limão revolucionário,  
mas isso foi e será assunto de outras crônicas (...).

# LIVRE, SÓ O URUBU

---



Em visita ao zoo de Goiânia tive um misto de indignação e tristeza. Entre tantos bichos (aves, mamíferos, répteis), estava o bicho homem, o mais estranho dos bichos!

Uma correria, qual bicho vamos ver primeiro?! No meu sonho de um dia ser fotógrafo, logo saquei minha câmera – atirei/acertei. O macaco fazia graça! Na realidade, ele estava balançando em um grande fita que “decora” seu recinto. Os humanos achavam graça. Mais correria, e o povo saca suas armas – seus celulares, apontam para os bichos, passando pela própria imagem/o bicho é fundo.

Guardei minha câmera – não quis mais clicar... Toda a bicharada estava encolhida, lógico que alguns têm hábitos noturnos, mas não era o caso (acho). Esse encolhimento coletivo reflete uma profunda depressão no zoo.

A Anta – animal grande e dócil – não dá a mínima para aquelas aves que

estão cutucando seu duro couro. Nunca tinha visto Urubu fazendo o papel de Garça boiadeira (ave exótica no Brasil). A anta deve estar doente, como todos os bichos.

Na realidade, o que predomina nos espaços “abertos” do zoo são os Urubus. No recinto dos Hipopótamos, do Veado Campeiro, do Tamanduá... Em alguns casos os Urubus estão no interior dos abrigos dos bichos. Não dão a mínima para o movimento.

Não sei por qual motivo os grandes Tuiuiús não batem suas asas, não tem tela sobre suas cabeças e, também, neste recinto, os Urubus reinavam, para dois Tuiuiús contei uns 20 Urubus.

Apesar disso, os visitantes, os adultos e as crianças influenciadas por eles, traçam suas teorias. “Olham aqueles papagaios: a fêmea está no ninho e o macho no galho – sem função”. Minha bióloga preferida logo corrigiu (para nós): “não são papagaios e sim Ararajubas e o hábito dos pássaros, em geral, não é esse, o cuidado com os filhotes é tarefa de ambos.” Voltando ao adoecimento coletivo – acho que os bichos do zoo precisam de um psicanalista animal. É muita tristeza!

Na correria, ninguém parece ver os Urubus. Olha o jacaré – tá tomando sol! O gordo Jacaré do Papo/Saco Cheio e Amarelo estava lá! Ao seu lado, vários Urubus tiravam onda. Pareciam querer surfar nas costas dos imóveis Jacarés.

Se, porventura, algum Urubu rebelde resolvesse escrever um manifesto pela liberdade dos animais dos zoológicos, diriam que o Urubu está agindo em causa própria. “Esses bichos (aves, mamíferos e répteis) não sobreviveriam uma semana em liberdade, não saberiam encontrar comida na natureza/em seus habitats” (qual natureza/o que sobrou dos habitats?). Morrendo, é lógico, se tornariam alimentos para os Urubus. Acredito que a liberdade vale a pena, mesmo que seja por apenas uma semana...

Esse Urubu, rebelde escritor, seria acusado de panfletário. Eu o vejo como um crítico social. Em um dia ele aparece estampado nas páginas dos jornais, dividindo os restos de comida com humanos em lixões e no outro dia ele tenta ser atração no zoo para aqueles que produzem os restos de comida. Se descuidar, ele, o Urubu, derruba até avião. O Urubu é um terrorista.

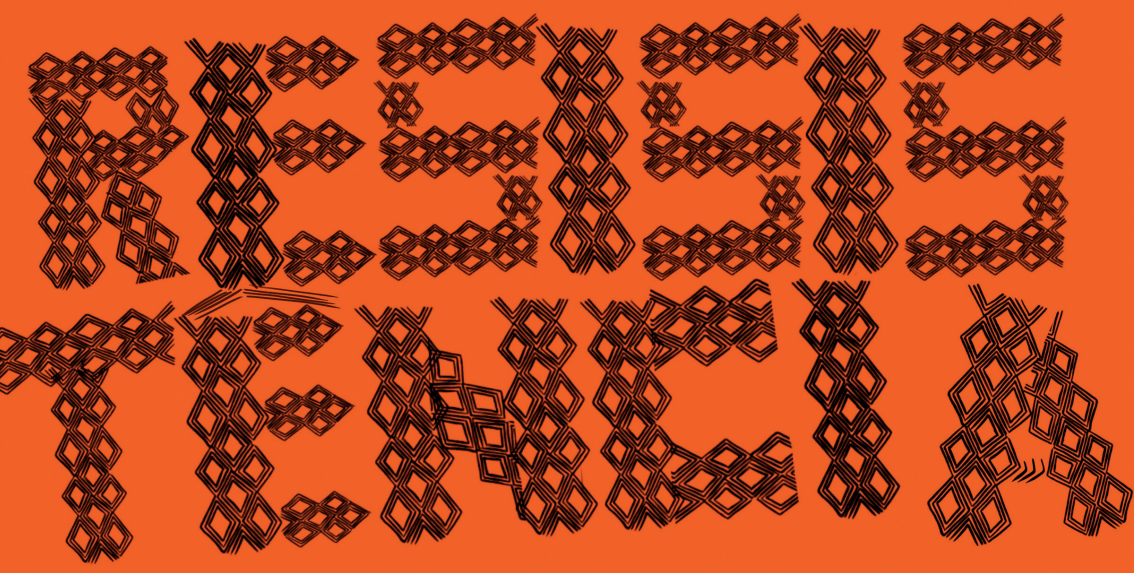
Mas todos insistem em não enxergar os Urubus. Não consideram o pa-

pel ecológico da espécie. O Urubu é um símbolo da exclusão, eles estão lá, mas, os olhares são desviados, cortam volta, fingem não ver. Os urubus se alimentam dos restos, parecem ser sujos, seu odor causa repulsa. A sua multiplicação é uma forma de representação social de um sistema fracassado. Podem não querer enxergar, mas eles ocupam o espaço. Audaciosos, fazem morada em qualquer lugar, seus ninhos podem ser encontrados até nas torres/telhados dos mais suntuosos templos. Em alguns lugares até dividem as calçadas, andando tranquilamente entre os outros bichos.

No recinto do Urubu Rei a cena se repete. Apenas um urubu-rei na gaiola e inúmeros urubus-de-cabeça-preta do lado de fora, livres. Como o urubu-rei pode aceitar essa situação? Somente ele está enjaulado.

Guardei minha câmera, pois não tinha sentido em fotografar aqueles seres tristes/presos. Todas as fotografias ficaram cortadas pelas linhas das grades. Qual o motivo daquela prisão/de nossa prisão? Qual a dádiva da vida libertária dos Urubus que em bando invadem o zoo e tantos outros lugares desse Brasil? Os Urubus são fruto de um sistema e a própria contestação desse sistema – são livres.

Prefiro ver os bichos no que resta de habitat, como o Urubu-Rei em um pequeno remanescente de mata em Iporá/GO...



# AS PALAVRAS QUE DESCREVEM REALIDADES PINTADAS...

---

Sem sensibilidade em nada me adianta belas palavras, escritas ou faladas. Não sou versado em teoria literária, como meu amigo Rodrigo Emídio. Gosto mais de fotografias do que palavras escritas e/ou faladas. Muitas vezes penso: por que não fiquei quieto. Como agora!

Minha mãe tem um ditado – quem sabe mais fica quieto... ou fica quieto quem sabe mais...

Na construção da minha tese comecei com uma palavra e a discordância da forma que a mesma é aplicada. Aliás, discordar é outra coisa que gosto. Mas, aprendi a me calar, às vezes é preciso ouvir e manter o silêncio.

A palavra que me refiro, na tese, é **Resistência**. Essa palavra é usada com frequência na descrição da ação dos camponeses em suas diversas denominações, dos povos indígenas e quilombolas latino americanos. A resistência, na forma que é descrita, apresenta povos acuados diante do estado e do capital opressor. Mas a resistência é mais do que isso, é a ação que permite oferecer uma nova possibilidade ao mundo. Minha proposta é atribuir um novo significado para a ação de camponeses, quilombolas e povos indígenas – uma **Resistência Socioambiental!**

No Brasil governado pelo inominável presidente, as palavras tomadas de nós, distorcidas e pintadas em cores vibrantes, são usadas para esconder mentiras.

## **Refletamos sobre algumas palavras...**

**LIBERDADE**, palavra que perpassa a história da humanidade e em vários momentos foi usada como grito das parcelas excluídas da sociedade. LIBERDADE é tema para revoluções no mundo. Mas, a liberdade agora é usada para justificar a morte/barbárie. Os defensores das armas e da morte usam a palavra Liberdade para justificar o direito de matar/de portar armas.

A Palavra **FAMÍLIA** segue o mesmo caminho. Usam a suposta defesa da família brasileira contra inimigos imaginários. Se escoram na Família para reprimir e atacar os grupos LGBTQIA+ e tantos outros. Em nome da família tradicional é possível aniquilar pessoas. Aliás, a defesa “família tradicional” é uma tentativa de esconder o patriarcado e a exploração da mulher. A palavra família e a sua proteção é, também, uma forma de esconder a família que tomou conta do poder neste país. Falam em defesa da família e esquecem de proteger os trabalhadores idosos com aposentadoria digna; as mães - solo, chefes de família, estão desassistidas, não temos vagas nas creches para os seus filhos. A palavra família foi cooptada pelo estado fascista e não é a primeira vez que isso acontece neste país.

**EMPREENDEDORISMO**, palavra que se tornou comum nas rodas de conversas, nos programas de TV, em especial após a reforma trabalhista e previdenciária. Todos podem empreender/todos têm a liberdade de crescer/seremos todos empresários. A exploração acabou. Empreendedorismo é a farsa para esconder o trabalho uberizado, o subemprego. Você agora abre sua própria empresa para vender sua força de trabalho. As pessoas viram empreendedores da noite para o dia, a maioria gasta o que não tem para tentar ter alguma coisa. São sonhos desperdiçados. Empreendedorismo é a forma de esconder a exploração do trabalhador e a justificativa para a ideia de estado mínimo.

**ALIMENTO**, palavra que não se transforma em realidade... a palavra existe, mas só a palavra não é capaz de saciar a fome. Os agentes do agro-negócio dizem produzir alimentos... Milhões e milhões de toneladas de tudo... e os pratos continuam vazios. As pessoas não conseguem entender que alimento é uma coisa, commodities é outra coisa. Todo o empresário do Agro apresenta a sua máxima: exploro, destruo etc., porque tenho a função de produzir alimentos. O alimento foi usurpado...

**DIREITO**... e a sua companheira Expressão. DIREITO DE EXPRESSÃO... como a liberdade, o direito e a sua companheira ganharam as rodas de conversa. O Direito de Expressão é usado por alguns para defender a tortura; a barbárie, defender os Atos Institucionais para acabar com a liberdade. E a classe média, vestidas de amarelo/nike, clamam por direito...



**DEMOCRACIA**, essa talvez seja uma das mais afanadas e de significado distorcido para esse momento do Brasil. Em nome da democracia é possível fechar o Supremo Tribunal Federal, o Congresso Nacional. Em nome da democracia se permitiu o suposto direito de não se vacinar e/ou usar máscaras de proteção facial durante a fase aguda da pandemia. Em nome da democracia e do direito à propriedade, os povos indígenas, camponeses e quilombolas vem sendo expropriados e mortos. A democracia, na visão bolsonarenta, é a justificativa para matar, destruir, vender, aniquilar, entregar...

**RACISMO**, o ex-presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, usou expressões “racismo nutella ou escória maldita” – “a negrada daqui é imbecil e desinformada pela esquerda”... A escória maldita é uma referência desse ex-presidente ao movimento negro. Querem esconder o racismo – a palavra e a sua dimensão - via processo de culpabilização de mulheres, homens e crianças por seu próprio processo de exclusão. A máxima é dizer que não existe racismo em nosso país.

Neste tempo as **Verdades** se tornaram **Mentiras** e as **Mentiras**, por sua vez, tornaram-se **Verdades**. Nosso país é o que mais protege florestas! Geramos milhões de empregos; coronavírus não mata; máscara não protege; os índios estão protegidos; as famílias têm assistência social; etc., etc...

Existe uma imensa força nas palavras...

Repito, sem sensibilidade em nada me adianta as belas palavras, escritas ou faladas.

Podemos usar as Palavras para pintar/disfarçar a realidade...

Mas as palavras também podem revelar as realidades escondidas de nossa sociedade, mesmo que disfarçadas.

Que a força das palavras nos liberte do mal que assola nossa sociedade.

Texto apresentado originalmente no evento “Geografia, Saúde e Trabalho - Toda a nudez não será Castigada”. Painel II: Palavras que levantam mundos: a coluna vertebral literária (maio/2022).

# VENTOS...

---

Na escola a definição de ventos sempre causa desconfiança... “O ar em movimento”. Não é sólido, às vezes o vento é abstrato, um vento literário. O mesmo vento que por vezes suaviza o cansaço do trabalhador de rosto suado é, também, o vento que leva as telhas das casas dos pobres.

No sul do Brasil, na região dos pampas, o implacável vento minuano rasga a paisagem, soprando diuturnamente na mesma direção, um vento frio, um vento mercadológico do turismo, um vento que esqueceu sua origem indígena.

O vento que carrega a umidade na face leste – barlavento - do Planalto da Borborema no Nordeste brasileiro é o mesmo vento da seca na face oeste deste planalto – vento de sotavento. Um vento sem chuvas, que deixa o solo árido e um cotidiano marcado por outro tempo. Mas um dia a chuva chega no sertão!

Vento é a paciência que nos falta, sopra e movimenta, desagrega partículas para depois formar dunas, algumas se transformam em lençóis que cobrem as paisagens.

Os ventos que sopram no sul da França dividem opiniões, um vent sacré, um vento da safra de vinhos ou o vento da devastação. O mistral é tudo isso ao mesmo tempo – um vento mitológico. Mistral, pseudônimo da poeta que emendas palavras em versos sobre a paisagem:

*O vento faz à minha casa sua ronda de soluços  
e de alarido, e quebra, como um cristal, meu grito.  
E na planície branca, de horizonte infinito,  
vejo morrer intensos poentes dolorosos.  
(Desolação – Gabriela Mistral)*



A calma da Baía de Inhambane (foto) esconde a fúria dos ventos que a varrem. Os pequenos barcos dos trabalhadores em travessia tornam-se presas fáceis. Envolto pela fúria das águas, viram, despejando os corpos nas águas. A calma da baía tem um contraste mais bárbaro. Nesta local os moçambicanos eram embarcados e empurrados pelo vento até chegar em nossa terra para serem escravizados.

Os Europeus – controladores de fronteiras – não conseguem segurar os ventos quentes carregados com grãos de areias que sopram do norte do Continente Africano. O Vento Siroco invade o continente e provoca chuvas de sangue. O Siroco não deixa o velho continente esquecer – a África é logo ali.

Alguns ventos mecânicos – provocam primaveras – árabes ou não... o vento que engana, provoca o movimento das pessoas e depois as abandonam à própria sorte de sua miséria. Vento que varreu a organização de muitos países. A aposta era a derrubada dos ditadores, derrubou na realidade o povo e apesar do vento ter cessado – o povo não consegue se levantar.

Acredito que os ventos que descem das cordilheiras dos Andes despertaram a ancestralidade dos chilenos, eles foram para as ruas – chega de explo-

ração... eles sopram o vento da mudança, rejeitam até a nova constituição.

Em nosso país as pessoas comentam em suas rodas de conversa “o vento da mudança está chegando” – um vento abstrato.

O vento da mudança só é capaz de transformar... se for soprado por todos, unidos... esperar que o vento alheio vai provocar mudança, desista... Faça o vento você mesmo e encontre o vento que lhe é comum. Que compartilhe dos mesmos ideais. E não pense que do outro lado não haverá ventos... Vão usar o mesmo mote, a mudança... Mentiras que se passam como verdades... Vozes suavemente fascistas sopradas nos ouvidos dos pobres marginalizados, repetidas vezes. Vozes que movimentam as massas, que não percebem que suas marchas são direcionadas ao abismo do terraplanismo.

Simum, Passat, Jatos, Monções, Alísios... se você sentir o vento da mudança, não se esconda ou desvie – busque seus pares e comece a soprar. Mantenha a atenção, o mesmo vento que alivia, igualmente pode trazer dor. O vento que afaga, também é capaz de atirar areia aos nossos olhos. Os ventos dos discursos bonitos são capazes de escrever, nas sombras da escuridão, despachos fascistoides.

Ao meio da ventania haverá discursos de ética, de desenvolvimento, de igualdade – eles serão soprados, inclusive, por poetas, ou melhor, pseudo-poetas. Eles parecem soprar como você – não se engane!

Mas lembrem da brisa marítima, que suavize sua tarde quente! Ela sempre estará ao seu favor, ela traz os pescadores de volta aos portos (seguros), mesmo que a pescaria não tenha cumprido a sua função.

# A VIDA NAS TRINCHEIRAS DOS ALGORITMOS

---

De que lado você está? A pergunta frequente aparece de forma explícita ou velada em grupos familiares e de amigos. Antes de continuar, faço um alerta em forma de pergunta? Quando foi que um aplicativo usado em aparelhos celulares passou a mediar as reuniões/relações das famílias e dos grupos?

No sistema binário não resta dúvida, ou é zero, ou é um... A vida não imita a arte! A vida passou a ser definida nesse "sistema simples e, ao mesmo tempo, sofisticado." Ao se definir de um lado X - o sujeito não é capaz de perceber os defeitos do lado que escolheu. A "orientação" é de que todos os que escolheram o lado Y estão errados. Na visão dele, o sujeito X, eles não conseguem ver os defeitos de sua escolha. O mesmo vale para quem escolheu o lado Y.

A sociedade se tornou binária!? Como a base de um sistema de programação!? Sim! A vida passou a ser mediada pelos algoritmos. Basta digitar uma única palavra nas redes e você sofrerá uma tentativa de cooptação. Sem se dar conta, a sua alma foi capturada. Seus desejos já não são seus, apesar da excitação pela exposição e do consumo que move os seus passos/suas decisões. Tu não é mais apenas um consumidor – "em verdade, em verdade" vós agora sois consumidos.

Até as indignações sociais são mediadas pelo sistema, onde vamos expressar nossas opiniões críticas. No devido tempo e na trincheira que você habita será deposita uma bomba/um ato/uma barbaridade. Rapidamente e com os dedos ágeis vão surgir um monte de opiniões. Quem não tem muito o que dizer – vai simplesmente escrever, que absurdo! Alguns, tomados por uma capacidade intelectual corpulenta, vão escrever textos carregados de críticas e verborragias incompreensíveis. Indignações fugazes e fúteis. Uma pequena pausa! Em breve será depositado em sua rede, trincheira, uma



nova incivildade. A anterior? Durou 24 horas... E tudo se repete, fúria banal que desaparecerá no tempo determinado.

E nesse contexto os dias vão passando. A seleção perdeu... uns defendem o técnico e jogadores, outros criticam A profundidade da análise, de textos curtos e imediatos, impede uma interpretação apurada das coisas. Afinal, quais os critérios para selecionar e quem de fato ela, seleção, representa? Os críticos vão receber comparações com os jogadores de outras seleções e suas opiniões públicas. Os bajuladores, por sua vez, receberão as informações do heroísmo de alguns jogadores. E basta poucos dias para que tudo seja esquecido. Basta uma vitória ou uma derrota para que os algoritmos frenéticos foquem nesse assunto e esqueça um país sem orçamento para previdência, saúde, educação, pagamento de bolsas de estudantes etc., etc...

No mundo dos algoritmos as pessoas se aglomeram na frente dos quarteis pedindo intervenção. E usando um suposto código SOS com as luzes de seus Celu-LARES solicitam o pouso imediato de ovnis. Na trincheira da parcela da sociedade que se veste de amarelo (seleção) os gritos são por uma liberdade quimérica.

Assim os dias passam - os algoritmos saciam a ganância dos capitalistas, escravizando a sociedade através do consumo. A divisão em trincheiras é apenas uma artimanha para se vender mais e mais.

*"Não sei se eles Passarão – mas eu prefiro ser passarinho"*

*Assim os dias passam – uma correria para querer viver – e a vida... a vida é abduzida pelos aparelhos. A sociedade parece se reproduzir na senda do "Jovem Narciso" – ele se afogou no lago e ela parece se afogar nas telas. A diferença é que antes de afogar – os Narcisos de hoje – "bebem" tudo aquilo que os aparelhos oferecem... Quiçá as fotografias de hoje fossem como na época da Câmeras Lambe Lambe – mais tempo para viver (com seus sofrimentos) e menos cor nas fotografias.*

*Assim os dias passam – na busca da aposentadoria a vida é esquecida.*

*Quando a aposentadoria chegar já não saberemos como é viver. Mario*

*Quintana em "O Tempo", Adverte:*

*A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.*

*Quando se vê, já são seis horas!*

*Quando de vê, já é sexta-feira!*

*Quando se vê, já é natal...*

*Quando se vê, já terminou o ano...*

*Quando se vê perdemos o amor da nossa vida.*

*Quando se vê passaram 50 anos!*

*Agora é tarde demais para ser reprovado...*

*Se me fosse dado um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.*

*Seguiria sempre em frente e iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas...*

*Seguraria o amor que está a minha frente e diria que eu o amo...*

*E tem mais: não deixe de fazer algo de que gosta devido à falta de tempo.*

*Não deixe de ter pessoas ao seu lado por puro medo de ser feliz.*

*A única falta que terá será a desse tempo que, infelizmente, nunca mais voltará...*

# GEOGRAFIA DO CAFUNDÓ

---

Certa vez ouvi a definição de uma cidade de Goiás como “cafundó”. “Distante e inviável” ao ponto de não haver motivos para a continuidade do investimento na manutenção de um campus da Universidade naquele lugar. Pouco meses depois eu conheci essa cidade, esse cafundó. Como entendo que distância é a separação de dois pontos e que no percorrer do caminho posso encontrar mil motivos para geogarfar, não achei distante...

Mas fiquei encucado sobre o tal Cafundó: lugar plano localizado no Vale do Rio Araguaia, local das mais belas praias de Goiás, próximo a maior ilha Fluvial do Mundo, território de diferentes povos indígenas. Ao contrário do anunciado, entendi que o lugar reunia todos os motivos para ali se “investir”.

Na maioria das situações a negação do lugar é feita de maneira velada, na roda de conversa, na piada do bar. Para a Geografia o conceito de lugar é definido pelas relações interpostas pelos sujeitos e o ambiente. Não se trata aqui de debater o conceito de “não-lugar” – local onde não se estabelecem vínculos.

A negação do lugar tem um viés do preconceito e este atinge os espaços habitados – portanto as pessoas. Conceitualmente o vínculo de pertencimento define a Cidadania no contexto de um Estado-Nação. A negação do lugar, neste caso, pode ser definida como a negação da cidadania de quem mora e se constitui no lugar.

Nos cafundós existem pessoas, opressoras e oprimidas, que de alguma forma ajudam a alimentar o sistema, consumindo e pagando impostos. Se considerarmos o Brasil e a injusta tributação sobre consumo, são as pessoas mais pobres, nos cafundós, que proporcionalmente pagam mais impostos e têm menos acessos aos serviços.

Lugares negados podem ter ruas de terra batida e sem os limites com o que seria a calçada, onde às águas das chuvas e muitas vezes do esgoto





procuram seu próprio caminho. Por vezes os buracos viram reservatórios da água barrenta da chuva ou do lixo acumulado e ainda assim, são lugares, pois existem casas e nestas moram trabalhadores. Não importa se a casa não segue o padrão estético dos apartamentos de luxo de bairros nobres. Ali existe gente – é um lugar. Mesmo que abandonado pelo estado, é um Lugar – portanto é gente.

O negar, para além do preconceito, é uma forma de distinguir classes. Lugares pseudo importantes em contraponto aos lugares sem valor. Que o faz tem por impulso/interesse a autovalorização, definindo o status dos lugares importantes e concomitante negando aqueles classificados como menos importantes – daí vem a lógica de distribuição de investimentos/de aplicação de recursos. Como se aqueles que moram no cafundó não merecessem nada...

Nas cabeças preconceituosas, a Arte, uma das razões da existência humana, é substituída pelo capital. Basta um pouco de capital para transformar aquilo que era feio em belo. Esses incrédulos, que antes achavam o lugar um cafundó/um fim de mundo, passam a apreciar o mesmo.

Os conceitos de distância – longe, perto ou as expressões “fim do mundo” e “cafundó” – não deveriam ser usadas por geógrafos. Os garimpeiros

devem ser bom geógrafos... (não), para eles não há distância. Basta pensar que eles invadiram a terra tão distante – os cafundós do yanomamis. Os garimpeiros, na verdade, são como uma pá suja do capital – suja de mercúrio, suja de barro da terra removida dos rios, suja de sangue indígena. O serviço prestado é de eliminar os índios, transformando os cafundós dos yanomamis. Para quê? Nas palavras do Governo de Roraima – para o desenvolvimento... Simples – o mesmo capital que transforma o feio em belo (...). O cafundó Yanomami nunca mais será o mesmo. A negação da arte e da vida – o capital resolve tudo!

Será que Cordisburgo/MG ou Brotas de Macaúba – Chapada Diamantina/BA são fins de mundo? Nem a Eritreia (África) é um fim de mundo. Fim de mundo deve ser uma expressão de terraplanista.

Pelas ruas de Nampula – Moçambique, a trabalhadora varre a sujeira deixada em uma pequena fração urbanizada em relação à cidade que se confunde com o rural. A sujeira, talvez, tenha sido deixada por um visitante estrangeiro menos avisado. Aqui, nesse fim de mundo para alguns e local de trabalho para essa mulher – temos um lugar/uma vida – muitas vidas!

# DESCULPE, NÃO PODEREI PARTICIPAR

---

A modernidade do mundo e o mundo da modernidade fez com que mergulhássemos em águas profundas, que apesar de nos afogar, parece nos dar prazer.

Nos afogamos em dezenas de grupos de WhatsApp, onde as pessoas colocam milhares de notícias e discussões. Mergulhamos em amontoados de publicações falsas e falsas/verdadeiras do Instagram.

Nos afogamos em planilhas intermináveis de nosso trabalho. Para tudo existe algo para ser preenchido – um trabalho morto. Estamos imersos em vários sistemas – que determinam o tempo, a hora, o momento que devemos preencher mais um monte de coisa, sei que comungamos chutar as siglas, mas aí estão elas: SIGAA, FENIX, PEGASUS, SEI, Meu Gov, Meu INSS, e mais uma caralhadas de sistemas e de siglas que nos aprisionam.

Senha, você esqueceu a senha? O seu Google salva tudo (inclusive defende as notícias falsas), mas não perca o seu e-mail, porque, senão você estará perdido. E a Vida, Porra?! Pessoas se perdem/discutem e se aprimoram sobre todas as formas de acumular milhas e mais milhas e mais milhas – sistemas e operadoras. E a viagem? É quando a empresa marcar!

Em meu trabalho não tem mais café! Mas eu já não encontrava ninguém para conversar no café, espaços de rebeldias e articulações no serviço público estão vazios, os cafés morreram. Não temos mais café.

Queremos pensar no sindicato, mas os filiados renunciam a uma de suas maiores conquistas do mundo contemporâneo – o Direito de Votar. O esvaziamento sindical não é apenas um projeto das reformas – como a trabalhista de 2017, ele é maior, é um esvaziamento para o individualismo.

O liberalismo e o seu egoísmo parecem ter vencido. Não sei! Talvez o futuro mostre que o individualismo levou o mundo ao óbito. As pessoas têm



a cabeça inclinada, sempre focada no nada. Experimentei ficar olhando para uma pessoa por 10 minutos, fiz uma breve pergunta para se fazer notar e a resposta veio curta e sem que eu pudesse ver os seus olhos, que continuaram na tela... Durante dez longos minutos a pessoa manteve-se inclinada sobre a tela, focada, muito focada. Depois desse tempo, eu desisti... e a pessoa continuou lá!

Como em um dia encoberto por uma forte neblina, ainda com a cabeça inclinada, a pessoa resolve levantar os olhos, tirando-os da tela, percebe que tudo em sua volta, que era real, não existe mais. A dúvida domina o seu pensamento, eu morri ou tudo morreu: pessoas, móveis? Onde está tudo? A vida perde o sentido!

Volta os olhos para a tela e um alívio toma conta do seu ser, tudo está em seu devido lugar, a vida está lá, pujante, alegre – cheia de acontecimentos, de fatos, de atos.

Mas como na mistura de sonho e pesadelo – ela ergue novamente os seus olhos para tentar explicar a visão anterior. O pesadelo toma conta, a nebulosidade, o vazio é o que domina o espaço, a dúvida volta, estarei morta?

Existe algo tampando minha visão – não consigo ultrapassar essa camada de névoa densa. Se eu me levantar e andar para os outros cômodos: as pessoas, amigos, filhos, esposa, cachorros estarão lá!? Posso ir embora? Posso correr?

Com medo de dar o próximo passo, novamente ela volta o olhar para a tela. A angústia desaparece, a fantasia toma conta daquele instante, daquele espaço. Tudo é perfeito, até as notícias das ruínas da sociedade ela pode curtir, curtir e curtir...

Não arrisco chamar essa pessoa para participar, ela não irá, não tem tempo. Os idiotas é que tomaram as ruas, vão em bandos, vão sobre motos, vão de camionetes. Tenho saudades do tempo que havia tempo! Saudades de poder gritar contra o sistema, gritar contra os opressores – saudades de não gritar sozinho ou em número diminuto de rebeldes com causa.

O mundo está chato, quero descer!. Desembarcar da correria sem lógica; de ver a injustiça ser atropelada por uma nova injustiça – com direito a indignação efêmera. Quero ir caminhando para o trabalho, mesmo que lá

não encontre ninguém para tomar café. Quero olhar a rua, ouvir o som dos "levantados do chão"<sup>1</sup> e sentir o vento; quero estender as mãos aos desocupados insurgentes; aos que negam o sistema com o próprio corpo; quero parar; descansar e olhar, buscar os iguais; quero andar na chuva ou buscar sombra sob as poucas árvores que restam para me esconder do sol.

Quem sabe encontro alguém com tempo para se indignar. Alguém que possa participar do encontro contra as mazelas e injustiças e quem sabe, no mundo lento, sobre um pequeno espaço/tempo para o amor ao próximo. Vou descer!

*1 - Referência à canção "Levantados do Chão" (Chico Buarque, Milton Nascimento)*

# TORRE DE BABEL

---

Grupos, mais grupos, notícias cruzadas. Um monte de opiniões atravessadas, quando parece que vai surgir uma luz, alguém tentando organizar o diálogo, nova mensagem, nova (des) informação!

A tecnologia veio para ficar! Será? Deformação da Opinião! Morte e Vida – Sem Severina, tudo ao mesmo tempo, sem vírgulas e pausas. A seca que não incomoda. Um descompasso, a meu ver, como tantas desinformações podem ser capazes de segurar a atenção durante tanto tempo das pessoas? Tudo ao vivo e a cores.

Já revelei, reafirmo, pareço não me enquadrar nesse jogo. As pessoas querem respostas, mais respostas, mais rapidez. Você não respondeu minha mensagem. Recebo uma ligação para avisar que o emissor enviou um áudio. Outro áudio para avisar que recebi um áudio. Você nunca atende. Sou um péssimo receptor. Imagino ser algo importante. Nada! É apenas mais uma supérflua urgência.

Para que tanta pressa, sou lento?! Chega a notícia de um novo evento, para quê? Para quem? – Vamos conversar sobre? Somos atropelados, outros cards, novos eventos! Uma convocação perdida, você não participou da reunião! Novo cancelamento virtual. Um texto, muitas palmas, mais palmas! A leitura lampeira/tudo agora é efêmero.

Viu meu story??? Nunca vejo, não sei o que é isso! Qual o motivo de algo tão importante durar apenas 24 horas? Atualize seu Status... Ninguém mais quer discutir o “Status Quo”... o poder agora é inquestionável! Tudo é possível para todos! Um mundo de empreendedorismo!

A fotografia nunca foi tão importante, ela revela tudo e não revela nada. Fotos/Espelhos/Fotos/Bíceps/Cabelos/Óculos/Fotos... sensibilidades frágeis. Não posso ligar a câmara/um grande medo/a revelação do Ego frágil. O eu





interior morreu!. O que diriam os camponeses franceses do final do século XVIII se vivessem em nossos dias? O medo não é pela fome! O medo agora é outro. A fome atinge todos, mas não afeta ninguém.

Pais e Filhos – Legião de famílias que perderam a conexão fraterna, diálogos mediados – (des)conectados. Os direitos dos filhos se revertem em escravização dos pais. Filhos adultos berram como crianças sem um peito para saciar a fome, pequenas frustrações/grandes intrigas. A empatia foi ofuscada nas relações. Eu, Eu – primeiro Eu. O Coletivo, família, deve antes de tudo enxergar a mim. Eu, sempre Eu.

Neste tempo que inventaram o “antropoceno” é estranho pensar o decurso de tudo determinado pela ação dos humanos. E os humanos nunca foram tão distantes dos seus! As barbáries em curso têm limitada consternação entre nós. Tudo é mediado e limitado pelas redes que impõem a lógica do ser, como uma sombra projetada e apagada, a qualquer momento, pela vontade fria dos algoritmos. Mas não podemos responsabilizar todos os humanos pela própria calamidade de nossos dias. Poucos humanos determinam a conduta de milhares de seus semelhantes. São (d)euses virtuais.

A internet virou uma espécie de Torre de Babel, uma mistura de tudo, com pouco resultado. Não se trata de um Zigurate, um templo, onde as pessoas falam em línguas estranhas. Há uma sobreposição de desinformações em grupos, mensagens trocadas, que caducam no mesmo momento em que são postadas/escritas e mais tarde podem ser repetidas/repostadas. Sem compromisso com o tempo/espço. Essa torre não é maciça, é volátil, elas reproduzem os egos inflados, que podem se desmanchar em segundos – valem segundo as curtidas pelas falsas imagens, conteúdos corrompidos/mas louvados.

Essa Torre de Babel, se vaporiza, se transforma, mas fica no mesmo lugar, atendendo aos mesmos interesses. O século da informação, das redes neurais, da inteligência artificial está muito perto de uma prisão. O Mito da Caverna nunca esteve tão representado na sociedade. Os humanos estão livres e presos ao mesmo tempo; as crenças distorcidas regem o mundo e as mentiras nunca tiveram tanto poder de verdades como acontece nesse tempo. A melhor liberdade parece ser a liberdade vigiada. Uma espécie de

"exporedução" do ser. Carente, egoísta, idiota... que a cada dia domina e se reproduz, domina e promove a reprodução dessa sociedade doente.

E a bíblia nunca foi tão lida, é surpreendente pensar que logo no início... Gênesis, o Deus que tudo criou já meteu a mão no freio de mão. A mulher, sempre a mulher, já recebeu a culpa pela desobediência! Já no terceiro capítulo a situação saiu do controle, a verdade revelada. No décimo primeiro capítulo, logo após a grande enchente, a colossal torre foi construída, a Torre de Babel, a torre do desentendimento de nossos dias. Quando narrou o princípio, estava falando do futuro do presente. E tudo se desfaz.

A Torre é a sua própria destruição.

no nariz da criança quilombola. Com o gesto, o riso alegre. Temos aqui um panapaná que voa contra os ventos que homogeneizam as paisagens.

A resistência gritada derruba as cercas dos latifúndios. No ato de travessia, o suor — essa lágrima do trabalho —, em corpos tatuados pelo trabalho, goteja o desejo da liberdade. Valdir resiste às publicidades das telas. Valdir resiste aos devaneios do progresso agrícola. Valdir resiste às narrativas que se acomodam nos privilégios.

Travessias e Resistências é o tratado escrito da conduta ética do autor. O nosso Valdir é o militante da escuta atenta. É solidário com gestos. Indigna-se com as injustiças. Luta por dias mais justos. Tudo é travessia.

*Rodrigo Emídio Silva*

Quando Michel Temer assumiu a presidência do Brasil após o golpe de 2016, uma das primeiras providências foi anunciar uma reforma neoliberal que chamou de “ponte para o futuro”. A direita usa muito bem o poder das marcas e, associada à grande mídia, convenceu grande parte da população brasileira de que o futuro estava nas reformas trabalhista e previdenciária, nas privatizações e em dar mais poder ao chamado mercado, ou seja, em uma ponte para um passado sombrio.

Penso que, se houver um futuro para a humanidade, ele está nas pontes que, entre outras pessoas, Valdir Specian constrói em sua trajetória de resistência e resiliência, são pontes de afeto, de generosidade poética e de informações importantíssimas. Neste livro, são pontes em forma de crônicas que funcionam como fonte de reflexão e aprendizado. São histórias que mostram a possibilidade de um futuro, ainda que utópico. São pontes muito mais parecidas com a da imagem da capa do que as estaiadas que hoje fervilham pelas grandes cidades brasileiras.

Se houver um futuro para a humanidade ele está nos interiores das nações, nos cantos de resistência cada vez mais marginalizados e estrangulados, ele está no pisar descalço na terra e no respeitar a vida em sua essência, em sua simplicidade, em sua poesia. É isso que Valdir nos mostra neste livro.

*Alex Franco*